

A BOLA DE NEVE QUE ESTÁ ROLANDO SOBRE A CIDADE:

Correção monetária sobre empréstimos debitada à Prefeitura Municipal de Jundiaí no 3.º trimestre de 1976 pelo Banco do Brasil e Banco Estado de São Paulo: 16 milhões de cruzeiros. Ou seja: num trimestre apenas, a dívida do município com as avenidas de luxo do prefeito cresceu em 16 milhões de cruzeiros. E a bola de neve vai aumentar. No próximo trimestre, a correção será maior ainda, porque indicará sobre o saldo devedor, mais a correção monetária do trimestre passado. E mais: a Prefeitura continua contraindo dívidas, os saldos devedores continuam aumentando, os valores para correção monetária continuam aumentando junto. Naturalmente, as dívidas ainda não começaram a ser pagas. Quando começarem, o saldo devedor, acrescido ainda de juros, que não estão incluídos no débito de 16 milhões, será espantoso. E atenção para este cálculo: 16 milhões de correção monetária em 90 dias, significam um aumento de Cr\$..... 177.777,00 por dia na dívida da cidade. Na previsão de arrecadação de impostos predial, territorial e de serviços para 1977, consta a quantia de Cr\$ 40.5000.000,00, ou seja, Cr\$ 112.500,00 por dia. Ou seja: 65 mil cruzeiros por dia de déficit, só de correção monetária. Esta é a bola de neve que ameaça esmagar a cidade.

IRMÃO PAULO CONTA COMO

IBIS QUIS
USAR SEU
NOME NA
CAMPANHA.

Pag. 16



A CIDADE TEM UM NOVO
GOVERNO.
ESTE É O
SENHOR
PREFEITO:

Pag. 8/9



Depois de apurados os votos que já estão nas urnas, haverá as tradicionais proclamações de vitória de lado a lado. Se o MDB conquistar, como se espera, mais municípios dos que os que controla atualmente, será lógico que seus comandantes venham a público proclamar vitória; se a Arena mantiver, como é lógico de se esperar, o controle sob um número maior de municípios, no total geral, seus dirigentes virão a público proclamar vitória.

Manipular números e estatísticas, como se sabe, é muito fácil. Alguns dias depois das eleições é de se prever que tanto a Arena como MDB se proclamarão vitoriosos. Mas depois que assentar a poeira da conflagração das urnas, depois que os analistas interpretarem os dados e derem aos números as explicações e as versões que escapam à pura constatação matemática, é que se poderá

vislumbrar, perto ou longe, o verdadeiro caminho político que espera o País.

Há muitos alquimistas políticos preparando poções mágicas para depois das eleições. Nos seus laboratórios estão sendo preparadas as mais estranhas fórmulas destinadas a fazer com que o processo político continue, mesmo que seja por caminhos tortuosos, a andar dentro de determinados trilhos.

Já se falou na extinção dos dois atuais partidos, e da consequente criação de pelo menos quatro, destinados a dar abrigo às tendências diversas que se amontoam sob as legendas atuais. Mas o próprio presidente da República, em seus pronunciamentos, tem se mostrado favorável ao fortalecimento dos atuais partidos, endossando, consequentemente o bipartidarismo.

Falou-se também na suspensão, durante seis meses, do preceito da fidelidade par-

tidária, o que possibilitaria aos políticos a mudança de legendas sem sujeitar-se à espada de Dâmocles da cassação do mandato por infidelidade partidária. Seria uma maneira, acreditam os formuladores dessa alquimia, de fortalecer o partido governista. Mas essa idéia não correria o risco de transformar-se em uma faca de dois gumes? Se as atuais eleições, por acaso, fortalecerem a legenda da oposição, não serão muitos políticos tentados, por oportunismo ou carreirismo eleitoral, a procurar abrigo na legenda mais rentável, em termos populares, mesmo que esta seja a da oposição?

Outra das fórmulas em estudo é a do voto distrital, que por sua complexidade, divide-se em várias sub-fórmulas de aplicação bastante problemática no contexto eleitoral brasileiro.

Não faltam também os eternos profetas do pessimis-

mo que acreditam que com uma só penada possa o governo afastar-se dos caminhos até aqui trilhados na procura de uma fórmula para o restabelecimento da plenitude democrática, e passe a valer-se dos instrumentos de exceção de que dispõe.

Para os que acreditam nas intenções francamente democráticas que o Chefe da Nação tem reiterado diversas vezes, inclusive no decorrer da campanha eleitoral, só resta acreditar em que, sejam quais foram as repercussões e as ressonâncias das eleições municipais, o caminho que for encontrado não poderá desviar-se das aspirações da maioria da Nação. É esse caminho só tenderá a levar o País rumo a caminho de aperfeiçoamento democrático. Nenhuma alquimia, por mais sofisticada que seja, terá a legitimidade plena que só a democracia contém na essência.

A proclamação da República brasileira

Ulysses Jorge Martinho

A rigor, diríamos que a idéia da proclamação da república no Brasil nasceu em 1864 com a revolta do Maranhão. A libertação dos escravos, movimento feito de afofado, sem o devido preparo do elemento servil, com sérios prejuízos para a lavoura, somada ao estado melindroso de saúde em que se encontrava o monarca, prognosticando um desfecho muito próximo, sem um herdeiro que o substituisse, contribuiu sobremaneira no sentido de que aquela idéia aflorasse no pensamento das gentes deste imenso território e culminasse com o movimento processado à 15 de novembro de 1889.

A indiferença dos chefes políticos pelas Instituições e sobretudo as excessivas virtudes de D. Pedro, consideradas negativas para um chefe de Estado, extremamente pacífico e liberal, tremendamente acomodado, contribuíram de modo eficaz no sentido de precipitar os acontecimentos, e da simpatia pelos feitos registrado na velha Gália, com a queda da tirania e consequente demolição dos bastiões e masmorras, seus principais instrumentos, processados no memorável 14 de julho de 1789.

Contudo, e graças ao invejado temperamento da raça brasileira, avessa ao emprego da força bruta, a proclamação da república foi assim como uma surpresa histórica, motivada pela sucessão de fatos oriundos da progressão de um movimento de forças circunstanciais.

O levante que fôra estabelecido para o dia 18 de novembro sofreu antecipação para o dia 15 do mesmo mês,

graças ao fato de haver sido descoberto, o que não seria o verdadeiro termo, pois de tal fato não se fazia segredo ou qualquer reserva.

Deodoro, retido em casa por se encontrar acamado, determina ao seu irmão Hermes da Fonseca para entrar em entendimentos com Floriano, ainda relutante e portador de brios excessivos, para que este se decida e procure Ouro Preto vencendo-lhes a teimosia, pois a pátria reclama uma ação imediata. Ouro Preto não transige e a sua constante aversão pelas forças armadas ainda mais se acentua, certo do seu poderio.

Deodoro volta a carga e desta vez é mais franco: "chega de Ouro Preto! É hora da procissão por-se na rua!"

Floriano, não fugindo a sua característica de impassibilidade, porém certo de que em suas mãos se apoiavam os destinos da nação, prontamente lhe responde: "Então a coisa é contra as casacas, seu Manoel? Neste caso ainda tenho lé em casa uma espingarda velha e como a monarquia pe inimiga disto, estou pronto a derrubá-la". Era a gota que faltava para entornar o caldo!

Ouro Preto certo do seu prestígio junto às forças que supõe estarem com o Poder Imperial, procura entendimentos junto à Câmara dos Deputados mas o voto de confiança lhe é sumariamente negado. Mas neste torvelinho de idéias e ações alguém está alheio a este movimento: O Povo. Apenas sente em seu íntimo que algo está prestes a se modificar e que muito cedo o país irá despertar para uma nova era.

Deodoro centraliza o po-

der do movimento dentro do reduto mil tar e na camara civil através das Associações e dentro desta, com grande poderio, a Maçonaria. Benjamin Constant não regateia esforços para provocar um movimento de infiltrações junto à massa popular. Faltava apenas sondar o Arsenal onde é festivamente recebido por Wandenkold e pelo Barão de Santa Maria com inequívoca adesão das forças navais.

Não podia haver qualquer dúvida quanto ao resultado vitorioso e às 3 horas da tarde de 15 de novembro de 1889, no edifício da Câmara Municipal, literalmente tomada por enorme multidão, era proclamada a República dos Estados Unidos do Brasil.

O já bruxoleante império de Ouro Preto era, afinal, desmoronado e a extrema necessidade do poderoso ministro deixar o país dentro de 48 horas, em companhia da Família Imperial era uma necessidade, sendo este o primeiro ato ditado pelo movimento vitorioso.

Floriano, ainda relutante, exaspera-se com esta medida extrema: "Que estória é esse seu Manoel! Isto não é do trato! Aqui não se deporta nem se prende ninguém, ouviu? Não consinto!" Mas Deodoro não lhe dá ouvidos e chamando o Alferes Guilherme Silva ordena-lhe que preste as honras necessárias e devidas à Família Imperial e a coloque em um carro cercada de todas as garantias, reprimindo qualquer desrespeito ou vaia. E assim foi procedido, tendo a Família Imperial embarcado no "Alagoas" em demanda ao Reino Unido de Portugal e Algarves.

A propaganda de um vereador candidato à reeleição diz: "Com Arnaldo Reis, para continuar com Ibis Cruz".

A promessa, em si, já não entusiasmou muito a quem leu. Mas, acima de tudo, repercutiu mal, pelo fato de que o candidato Arnaldo Reis, que já vem sendo jocosamente chamado de "papagaio do italiano": **non parla, ma presta una brutta attenzione**, ficar ainda mais configurado com um comandado do homem que sai.

Outra jóia da propaganda eleitoral, é a distribuída por outro candidato arenista, cujo texto afirma "É melhor continuar do que modificar". E tem como endossante-apoiador o famigerado "Doca".

Opinião dos comentaristas: "Justo o Doca vem falar em não modificar? Ele foi o político jundiense que mais 'modificou' até hoje".

A referência deve-se ao fato de Doca ter sido vereador pelo MDB, cabo eleitoral de Vitória Furlan contra Ibis, na eleição passada, cabo eleitoral de Rubens de Luca, nesta eleição, e finalmente, num passe de mágica, apoiador de Arnaldo Reis.

"Um troca-tintas desses, falando em não mudar, é demais!", concluiu o comentarista.

Apesar do clima de tensão reinante durante toda a campanha eleitoral, nada de mais grave ocorreu em nossa cidade, a ponto de exigir uma crítica mais séria por parte dos comentaristas.

"O mérito deve-se, de modo muito especial, à forma como o Juiz Eleitoral Dr. Heliomar Saraiva soube aparar arestas e conduzir, com firmeza o timão da Justiça", afirmam os analistas.

"É o máximo da presunção".

"É o canto do cisne de um político que morreu cedo".

Esses foram os comentários mais ouvidos em torno do tipo de apoio dado por Urubatan Salles Palhares a um candidato do prefeito: uma camionete contendo tabuletas com a inscrição "Urubatan apoia Arnaldo Reis".

"O Império tinha sido artifício e passou como um incidente em nossa história".

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda.

Rua Senador Fonseca, 1044 -

Redator Chefe: Carlos Veiga

Ilustração: Décio Denardi

Diagramação: Carlos Kazuo Inoue

Impressão: Departamento de Off-Set do.

"Diário do Povo" - Campinas

UMA TRISTE RECORDAÇÃO

Entendemos, que esta é a hora de fazer uma análise dos quase quatro anos da atual administração municipal, porque hoje as coisas deverão tomar novo rumo para o bem da família jundiense. Não abordaremos os fatos repisados e comentados por este jornal, sobre dívidas, desorganização, "chupetas" juros e correção monetária dos empréstimos. Pretendemos dizer alguma coisa sucinta do ambiente social e o que ficará de recordação sobre esse aspecto da atual administração municipal.

Vimos ao longo desse tempo, fútricas, intrigas, maldade, numa maquiavélica forma de gerar discórdia senão entre todos pelo menos, com muitos.

Transparece-nos que a administração da cidade foi montada e conduzida em forma semelhante a uma verdadeira "máfia" onde se manobrou bens espirituais e materiais ao bem prazer ou em satisfação dos anseios emocionais. Conseguiu-se fazer de amigos, inimigos, de famílias unidas em desunidas. O serviço foi o mais completo nesse aspecto. Armou-se arapucas e alcapões de mentiras e baboseiras que envolveram pessoas menos avisadas, sem que estas se apercebessem. Iniciou-se a construção do sistema viário, mas ao mesmo tempo implantou-se a discórdia e o medo. Muitos ficaram com receio de opinar, trocar idéias sobre as coisas pú-

blicas da comuna. Outros foram levados a não se manifestar, por tirarem vantagens do estado de coisas reinante ou pelo fato de não implicarem terceiros, de certa forma interligados.

Os que não se encontravam ao seu lado (da administração), poderiam segundo seus atributos, serem arrebanhados de qualquer forma, porque o que se buscou foi o fim, menosprezados os meios. Nem todos por certo aderiram. Estes, recebiam ordem — fora com eles, são inimigos. Os aderentes conseguidos por satisfação de seus interesses, calaram-se assim que satisfeita a sua saciedade material, já que a espiritual não era seu atributo e privilégio.

Os interesses compram tudo. Abrem avenidas, compram propriedades, sufocam ou tornam elásticas a moral dos homens e mulheres, compram o silêncio, compram amigos dos amigos, tranaparecendo inexistir bens inalienáveis.

No entanto, cumpre salientar que o interesse não adquiriu o idealismo de alguns, que infelizmente foram poucos os seus portadores. Tentou-se e conseguiu-se jogar pessoas contra pessoas nessa trama dos interesses. Amargurou-se a vida de famílias com o aumento escorchante dos tributos e com as desapropriações apressadas. Conseguiu-se que alguns obtivessem satisfeitos os seus interesses, em detrimento da

maioria sacrificada. Parentes e amigos foram colocados em luta e a discórdia frutificou. Será que tudo isso foi válido? Não sabemos, porque depende da visualização de cada um. A eleição poderá referendar esse estado de coisas ou simplesmente repeti-lo. Tudo depende do resultado, se bem que poucos são os eleitores conscientes dos acontecimentos que se analisa.

Assistimos muitas administrações, mas essa a nenhuma se equiparou na frutificação de inimizades. As administrações passadas, podem ficar tranquilas, de não terem iniciado grandes avenidas, contudo, empreenderam tranquilidade, serenidade e paz ao povo de Jundiá.

Os seus atos não lezaram os interesses dos menos favorecidos pela fortuna material. Será que esse jogo, como diz o caboclo, valeu a pena para a administração sabendo que os colaboradores conseguidos a foram tão somente por interesse, dado que no fundo, na realidade, a administração é detestada, desprezada e baliada. Realmente, essa situação se nos configura como digna de piedade, de recolhimento humilde de que os interesses que adquirem amigos e inimigos não dignificam os seres e muito menos a abstrata, administração.

Como a verdade não é dada ao homem, pela providência divina, nesse jogo todo, alguma coisa deve sobrar de

"válido". E sobrou. Conhecemos muitas pessoas de caráter firme que os interesses inconfessáveis não as conduziram ao amem, que não bajularam, que se insurgiram contra a maneira de administrar. Perderam, alguns amigos, mas esses já assim não poderiam ser considerados por faltarem-lhes o atributo essencial, o caráter. Foram substituídos, por certo, dada o desserviço, a desautenticidade, pois se apresentaram fracos e não suportaram a "tentação do interesse". Deixemo-los em paz, para que um dia, se o "milagre" acontecer, a consciência se encarregue de penitência-los.

Queira Deus que a próxima administração, não seja vingativa e não gere discórdia, inimizades, deixando de por na lama nomes de famílias jundienses, desconhecidos do mau caráter social.

Ninguém põe em dúvida a hospitalidade do povo de Jundiá. Recebe a todos com o abraço aberto. O fato de conferir-se o título de cidadão jundiense sem maiores precauções, é um atestado disso. Até para um assaltante, quase que a honraria foi conferida. Recordam-se?

Atente a futura administração!!! Lembre-se, que só o amor constroi e quem semeia vento colhe tempestade. O problema é o tempo. O mundo gira e os encontros das administrações são inevitáveis.

O Pensador

PENSAR DEZ VEZES.

Convidamos todos os jundienses, de nascimento ou de coração para lerem o decreto do Prefeito Municipal estampado no Jornal de Jundiá de sábado dia 6. Tem o n.º 4.177 e traz a data de 4/11/76.

Trata da abertura de crédito suplementar em várias verbas orçamentárias com recursos de anulação de outra.

Entre as verbas aumentadas, naturalmente porque o previsto e suplementado várias vezes já terminou, está a da Divulgação e Publicidade do Gabinete do Prefeito, em mais Cr\$..... 250.000,00.

Em artigo anterior já dissemos que havia o sr. Prefeito gasto a quantia de Cr\$..... 2.700.000,00 nessa propaganda audaz e desnecessária, empregando o dinheiro exclusivamente dos impostos. Esse sim é dos impostos que se paga, não as obras que todas elas são executadas com empréstimos, inclusive o asfaltamento.

O nosso convite é para que leiam o decreto inteirinho, da primeira à última linha. No final está a perfeição de que não se faz em matéria de administração. De onde o Executivo tirou os recursos: anula verba de saneamento. Precisa dizer mais alguma coisa?

Só restaria acrescentar que em inúmeros decretos igualzinhos a esse, a verba sacrificada tem sido a de Saneamento em geral.

Para os leitores que ainda não entenderam nosso "administrador", podemos dizer que nesse ponto tem sido coerente. Gasta mais em obras de fachada do que em Saneamento. É que descobriram que aqui em Jundiá é possível liquidar a mortalidade infantil dessa maneira.

Saneamento é uma coisa muito discutida aqui em Jundiá. Enquanto que para os que estendem Saneamento básico queira dizer água e esgoto, para a administração Jundiense é tudo o mais, especialmente avenidas e iluminação.

O que importa, minha gente, é limpar o fundo do cofre. Vamos gastar o que puder, agora, já. Por que se não houver eleição do candidato que o Executivo quer, como será a continuidade desse tipo de festival?

Se a continuidade for garantida muito que bem. Se não, quem vai pagar a propaganda do homem para deputado? Bolas! A verba de saneamento está aí, tesoura nela que o dinheiro para a campanha futura tem que continuar.

Se não for esse o motivo da suplementação da verba para propaganda no fim do governo, qual será? Respondam os que puderem. Esses Cr\$ 250.000,00 para propaganda do Executivo, depois das eleições não podem ser suficientemente explicados porque ninguém tem peito para dizer qual a finalidade.

Para nós que conhecemos os personagens da grande peça impingida aos jundienses, há uma explicação que a daremos de bom grado: é para continuar a campanha do Prefeito para Deputado.

Os contribuinte de Jundiá estão convidados para mantê-la por mais alguns anos, com o dinheiro dos impostos que continuará a ser aumentado vorazmente.

Ainda fica uma pergunta no ar a quem puder responder: onde estão os parques infantis, as praças de esportes e as áreas verdes para recreação colocados ao povo nesta administração?

Humanizar o progresso sem essas manifestações da administração não passa de piada. Piada que estamos pagando caro para ouvir e chorar em lugar de rir nesse espetáculo que beira aos quatro anos de encenação.

Pensar dez vezes é a obrigação dos que amam realmente Jundiá.

Virgílio Torricelli

XEROX
também
é com o
FOTO
ZEZINHO
ROSA R.D. 523 FONE 6-3795

NOVIDADE/
Charme
CALÇADO/
ROSA R.D. 626

JUNDIAÍ CLÍNICAS



Locais de atendimento
UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE VILA ARENS

Rua Frei Caneca, 162
Fones: 6-3260 e 6-8248

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

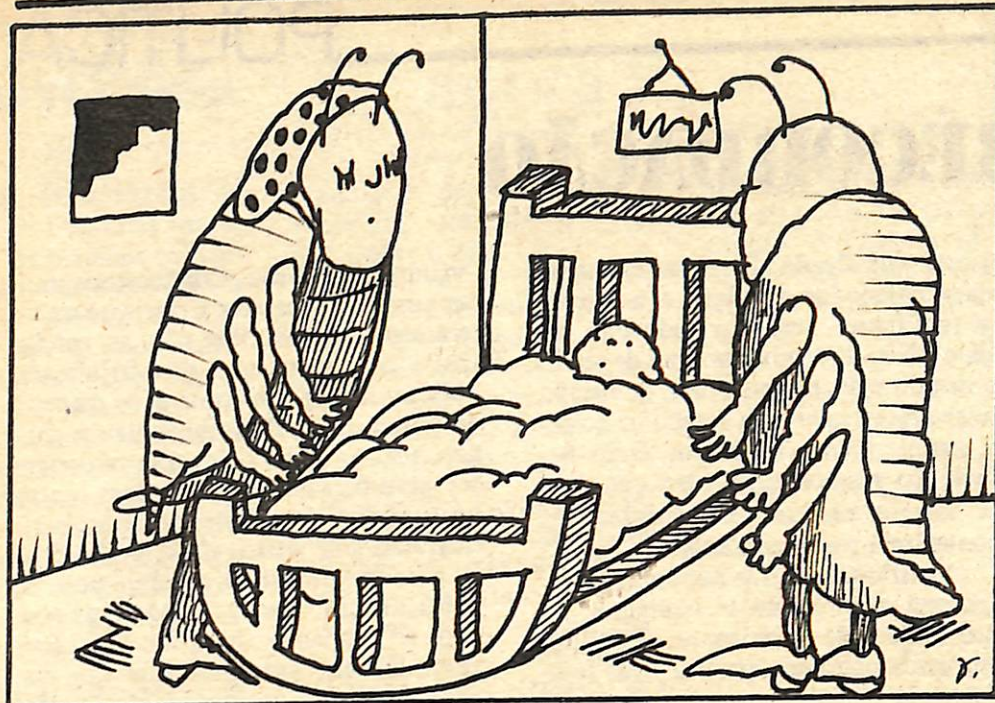
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL
SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s/n — J. Messina
Fone: 4-1666



Fábula da tradicional família B.

Como boa descendente de tradicional família (no caso, a mais antiga de que se tem notícia), Dona Baratinha carregava o orgulho e a obrigação de escolher a dedo aquele com quem se casaria.

O orgulho devia-se ao fato dela julgar que poucos animais na cidade mereciam a chance de ter sua prole constituída por meio-sangue de barata, uma questão de estirpe.

A obrigação ligava-se ao fato dela saber que o sagrado e eterno vínculo do matrimônio não era coisa com que se brincasse: o que Deus uniu...

Assim sendo, Dona Baratinha inquiria, com mais absoluto rigor, a todos os seus pretendentes. E uma questão era básica: que barulho o pretendente fazia ao dormir, já que dormir bem sempre tinha sido o ponto de honra da tradicional família.

Pois foi exatamente por roncarem de forma pouco agradável que renomados animais como o burro, o boi, o cabrito e outros foram frustrados em sua pretensão de casarem-se com Dona Baratinha.

(É bom que se diga que essas recusas sempre agradaram aos familiares de Dona Baratinha — que não eram muito chegados à idéia de mestiçagem, embora jamais tivessem deixado transparecer a ela, ou a ninguém, uma convicção que poderia, maldosamente, ser confundida com preconceito racial, imagine ter preconceito!)

Até que um dia apareceu Dom Ratão, com seu roncar suave, e que foi aceito pela ilustre família das baratas. Só que, como todo mundo sabe, o guloso Ratão acabou morrendo afogado numa panela de feijão, no dia do casamento, deixando invicta e pronta pra outra a infeliz baratinha.

"Talvez tenha sido melhor assim", "era o destino", frases assim foram repetidas e repetidas pelos familiares de Dona Baratinha, sempre deixando transparecer o desejo de que a prenda-da moça deveria era escolher alguém mais afim, "Dom Barato, por exemplo", chegou mesmo a insinuar, certa vez, uma tia mais velha.

E foi o que acabou acontecendo. Dona Baratinha casou-se com Dom Ba-

rato, recém-formado em Administração de Empresa, moço sem vícios, filho de um grande industrial do lixo.

Foi uma festa maravilhosa, com igreja toda iluminada, quatrocentos padrinhos de cada parte, convitinho separado para a recepção no clube mais elegante da cidade, slides coloridos, nota social nos jornais, uma maravilha!

Seis meses depois de casada, Dona Baratinha levou um tombo da escadaria de mármore de sua moderníssima mansão (presente do sogro) e teve um nenê, viçoso que nem parecia prematuro. Como também não se parecia nem com vovô, nem com ninguém daqueles retratos dos álbuns das famílias, dela ou do marido. Aliás, era um nenê tão diferente que Dona Baratinha e Dom Barato raramente mostravam a criança aos parentes.

"Ele dorme cedo e a gente não gosta de acordá-lo", "anda meio doentinho e é bom não perturbá-lo", "muita visita deixa a criança excitada demais", eram as desculpas usuais, para impedir que qualquer pessoa entrasse no quarto especialmente decorado do nenê. E o casal estava cheio de razão para não mostrar o Júnior a ninguém: aquilo que crescia no bercinho estava longe de ser uma barata. Tinha cabeça grande demais, com orelhas em vez de antenas. Tinha apenas quatro membros, dois dianteiros e dois traseiros. O corpo era estranhíssimo, com umbigo, orguinho sexual, coisa estranha.

Com o passar dos meses Dona Baratinha e Dom Barato tiveram que aceitar o fato: aquilo era, na verdade, um ser humano.

Reunida a família, foi explicada a desgraça e tomada a decisão: o nenê viveria trancado no quarto, seria alimentado através de um buraco feito na porta e não se tocaria mais no assunto. E assim foi, até que um dia o garoto morreu engasgado, ao comer uma maçã, durante uma refeição.

Moral: De um modo geral, as famílias não topam metamorfose.

Erazê Martinho

Se houver mesmo racionamento de gasolina, o Brasil vai exportar gasolina. Como? Muito simples: como as refinarias estão trabalhando no limite máximo de compressão do consumo de gasolina, mesmo que haja racionamento, elas não pararão de produzir. Resultado: o excedente será exportado. Espantoso, não?

De José Bonifácio, o de Barbacena, sobre aviões: "só entro em desastre aéreo se um negócio desses cair em minha cabeça". Agora, pela primeira vez em 40 anos, o deputado se arriscou. Na semana passada chegou a Barbacena de avião.

Angelita, Vânia, Maria do Livramento, Arabela, Ivonete, Rosalina, Antonio, Ivanir, Maria José, Emília, Maria Angélica e Marinete. Estas doces damas são candidatas à Prefeitura de 12 cidades do interior de Alagoas. Woman's Lib? Nem tanto. Angelita, por exemplo, é candidata a prefeita de Marimbondo por indicação direta do atual prefeito, seu marido. E nos comícios ele deixa bem claro: "Como eu mando em casa, mandarei aqui também. Ela só vai mesmo é assinar os papéis. Prefeito, continuo eu".

"Seja qual for os resultados das eleições, depois do dia 15 o País verá grandes mudanças em sua estrutura jurídica e político-partidária. Não acredito que regressemos a um regime semelhante ao de 1891 ou a 1946, isto é, no estado democrático-liberal. O que prevejo é uma democracia forte, autoritária, parecida com a criada por um De Gaulle, mas que ressalve os direitos fundamentais da pessoa humana". (De Jânio da Silva Quadros, ex-presidente, professor, pintor figurativista, e segundo a crítica, "algo primário")

A rodovia Manaus-Porto Velho, construída sobre material orgânico, está hoje impedida ao tráfego de veículos com peso acima de quatro toneladas.

"Aguardem, depois das eleições vocês terão novidades incríveis". (Do ministro Ney Braga, da Educação, aos repórteres que cobrem a área de seu ministério)

Do presidente da Arena fluminense e presidente da CBD, Almirante Heleno Nunes: "Ando tão cansado que só consigo dormir nas vias de carro. Campanha é pior do que segurar o porco pelo rabo".

Eufórico e saltitante, o presidente da Ponte Preta, Lauro Moraes, candidato à Prefeitura de Campinas por uma das sublegendas da Arena, recolhia os dividendos eleitorais da vitória de 1 a 0 sobre a Portuguesa, quarta-feira passada, no Pacaembu. Ele estava com todo o ar de vitorioso, distribuindo abraços a algumas das milhares de pessoas que transportou até São Paulo, de graça, em 106 ônibus fretados e enfeitados com seus cartazes eleitorais.

Ao seu lado, menos eufórico, Armando Martins de Oliveira, diretor de futebol da Ponte, ficava encarregado de responder às perguntas dos repórteres curiosos sobre quem pagaria as despesas da fantástica frota. Carrancudo, olhava com ar de desaprovção para seu presidente e dizia, desconsolado:

— Arena? Que Arena, que nada. Quem vai pagar somos nós.

Aconteceu mesmo no Rio: três assaltantes pegaram um carro e obrigaram o motorista a transportá-los para um local bem distante daquele, onde tinham acabado de agir. O motorista, achando que estava sendo simpático, meteu o pé na tábua e saiu em disparada pelas ruas do Rio. Um dos assaltantes gentilmente bateu nas costas do motorista:

— O amigo não leu a nota do ministro da Justiça que reduz a velocidade para o limite de 80 quilômetros?.

Interino

PARA
VEREADOR
ARIOVALDO
ALVES
2209
MDB

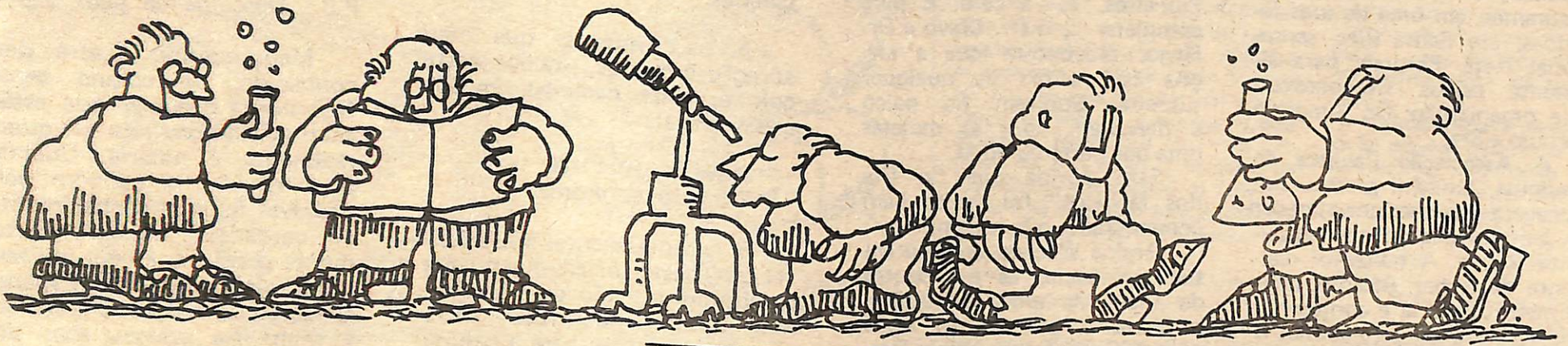


LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

disque: 434.8648

A cultura já tem lugar.



Existe na cidade uma entidade cujo único propósito é o desenvolvimento da cultura. Neste reportagem de Sandra Boldrini, o Centro Cultural de Jundiá.

Você já imaginou um local onde um grupo de pessoas se dedique a pesquisa científica e outros campos da cultura? Talvez já tenha visto em algum filme estrangeiro, mas é isso mesmo que um grupo de pessoas da cidade está organizando.

Os primeiros passos já foram dados com a fundação do Centro Cultural Professora "Deolinda Copelli" no dia 23 de outubro. O movimento vem sendo desenvolvido há cerca de 3 anos por alguns professores do Colégio Ana Paes e conseguiu a adesão de muitos interessados no desenvolvimento da cultura.

O Conselho do Centro está formado por 35 pessoas entre alunos, professores e profissionais liberais, como médicos, engenheiros, agrônomos, que também poderão se utilizar do centro. Faltam apenas alguns membros para que se possa eleger a primeira diretoria.

O principal objetivo da nova entidade é o de proporcionar aos associados uma atividade cultural de pesquisa e um aprendizado em diferentes campos. Ele pretende também reunir pessoas que tenham as mesmas aspirações e desenvolver-lhes idealizações pessoais, não importando o nível de escolaridade.

O Centro Cultural Jundiáense funcionará como uma universidade. Seus fundadores pretendem construir um prédio com vários andares e distribuir em cada andar um departamento. Essa distribuição ficaria da seguinte forma: Ciências I — Matemática e Física; Ciências II — Química e Biologia; Ciências III — Sociologia, Psicologia, Economia, Direito e Administração; Ciências IV — História e Geografia; Educação Artística I — Artes Plásticas; Educação Artísticas II — Teatro, Música e Cine-

ma; Educação Física I — Xadrez, Futebol, Damas, Tenis de Mesa e Ginástica; Educação Física II — Atletismo, Futebol, Natação, Basquete, Vôlei e outros.

O departamento social ficou assim dividido: Comunicações — Línguas; Área Técnica 1 — Engenharia, Agrimensura e Agronomia — Área Técnica II — Medicina, Odontologia, Farmácia e outras. Além dessas funcionarão à parte os setores de Propaganda, Relações Públicas, Biblioteca, Filmoteca, Pinacoteca, Filatelia e Patrimônio.

Segundo os organizadores, desde que haja local definido para seu funcionamento, o Centro promoverá conferência e congressos para seus associados. Um exemplo é o dos médicos que saem daqui para participarem de congressos em outras cidades. Se mais tarde houver local

apropriado, será possível sediá-los, o mesmo acontecendo com o teatro em Jundiá.

Isto é o que o Centro se propõe: melhorar em todos os aspectos o nosso meio cultural. Algumas apresentações já estão em planejamento, faltando apenas a confirmação da data. A primeira delas será sobre microscopia, com o professor Oscar Mazola, em dez aulas, com duas horas cada, uma vez por semana, devendo ser no salão nobre da Biblioteca Municipal. A segunda promoção será sobre ondas e ótica, ministrada pelos professores Antonio Wagner e João Archangelo, ainda sem local determinado.

Para se tornar sócio do Centro é necessário o pagamento de uma taxa de Cr\$ 50,00 para a inscrição e uma mensalidade que ficará por volta de Cr\$ 25,00. A intenção é que a entidade seja mantida por subvenções e por seus associados.

Sendo segundo vereador mais votado em Jundiá pela legenda da Arena — Brasileiro, casado, pai de três filhos — Funcionário público Estadual paraquedista militar — operador de Raio-X — Pracinha Brasileiro na ONU, no Oriente Médio Suez — recebeu menção honrosa na Escola de Paraquedista e menção honrosa nas Nações Unidas, foi condecorado com a Medalha Máxima nas Forças da ONU — Batalhão de Suez — na prática de esportes conseguiu três medalhas para o Brasil, junto às demais nações representantes da ONU — recebeu a medalha Jubileu de Prata Marechal Rondon através da Sociedade Geográfica Brasileira Curso de Aplicação da Previdência Social, participou de vários Congressos de Município tendo suas teses aprovadas — participou do II Congresso dos Radiologistas do Est. de São Paulo, obtendo o diploma e certificado — Presidente da Sub-Sede da União dos Servidores Públicos do Est. de São Paulo em Jundiá — Vice-Presidente



e Diretor de vários clubes recreativos em Jundiá e São Paulo — Funcionário do Hospital do Sesi e Centro de Saúde, recebeu a medalha de Prata "Peregrino de Jerusalém" — Diploma de Reconhecimento Municipalista — Proposição apresentada à Câmara Municipal — 1.140 indicações — 247 requerimentos e 27 projetos de Lei visando a solução de problemas do povo — ex-terceiro secretário da Câmara Municipal — atualmente membro da Comissão de assuntos gerais.

PARA VEREADOR:
JOSÉ RIVELLI
Nº 2118 ARENA

SUPERMERCADO
ELIAS

**ONDE VOCÊ FAZ
MAIS ECONOMIA**



R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PRÓPRIO

OS MÉDICOS ACONTECEM:

Para comemorar o dia dos médicos, a "Jundiaí Clinicas" programou em uma de suas fazendas, em Santa Rita, sensacional festa. Partiram para lá, sessenta carros. Responsáveis pela organização: Dr. Américo Barbuio e Sra.

A Associação Paulista de Medicina, também prestou homenagem aos médicos, oferecendo jantar realizado no Restaurante Balaio. A noite foi realmente de fechar. Ricardo, amigo meu, esteve lá e contou-me que contrataram para animar o jantar um "show" da Boite "o Beco", com a participação de Miltinho Tristeza e as mais ousadas mulatas. Se animou, não sei, mas ferveu até.

Contou-me também que muitas esposas mastigaram seus brilhantes para não gritar de pavor. E não é para menos: as mulatinhas estavam desempenhando além do que estava previsto.

Dra. Yara não teve alternativa. Precisou socorrer seu marido, o engenheiro Luiz, que após receber um beijinho de

uma das mulatas, desmaiou. Dr. Orandi Congílio, não deixou para menos. Foi tirado para dançar, mas não aceitou.

A pressão da Sra. Lucia Pinheiros, foi a zero. E para completar, o Dr. Cravo e Dr. Hugo, mostraram que a alegria está acima de qualquer suspeita. Subiram no palco e dançaram com as mulatas uma boa parte da noite.

Sem dúvida que "o Dia dos Médicos" foi muito bem comemorado, não acham?

Regina Wacked recebeu em sua residência, as presidentes do Lions de todas as regiões, inclusive o governador. Após os aperitivos, foram para o Restaurante Balaio comemorar com jantar, a inauguração de um novo clube.

Dr. Renato Furtado e Sra. em Uberaba, numa festa de 15 anos.

Zélia Mattar aproveitou os feriados e foi descansar a plástica no Rio de Janeiro e esnobar o bronzado às cariocas.

Cleusa e Dr. Walter fazendo comprinhas para redecorar sua "maison", no Jardim Ana Maria. Antiguidades em pauta.

Dra. Maria Alice, radiante com a volta do marido que se encontrava nos Estados Unidos.

Turillo Messina, retornando da Europa e contando mil novidades.

E para mostrar que meu coração é grande, publico nesta coluna, uma cartinha enviada a este jornal:

Jundiaí, 10-11-76

Prezados senhores:

É simplesmente inadmissível que neste jornal, que possui colaboradores tão qualificados, não tenha encontrado entre eles, um 'a' altura para a coluna social.

Como, por exemplo, posso citar a edição que leva o n.º 72.

A coluna peca pela pobreza de imaginação do (a) colunista, e também pela provável falta de conhecimento da verdadeira nata de nossa sociedade; aliás aplica-se muitobem, o que já foi escrito a respeito da coluna de Carlinhos Pierobon, 'a atual, se é que se possa chamar isso de "coluna social" ou "gente fina", sei lá. Em contra partida, confio plenamente no dis-

cernimento que lhes é peculiar, e no esforço de trazer a Jundiaí o verdadeiro jornalismo. Obrigado.

a) Luiz Carlos Pilot
Vila Progresso.

P.S.: Desculpe-me pelo papel.

Meu querido ilustre desconhecido. A coluna gente fina conta daqueles que estão acontecendo, ou seja, de quem realmente é notícia. Quando você diz "... e também pela provável falta de conhecimento da verdadeira nata...", certamente procurou atingir-me sem a mínima sutileza. Você apenas esqueceu um detalhe: não foi a mim que atingiu, mas sim as pessoas que frequentam esta coluna. E por falar nelas, por acaso você as conhece? Acredito que não. Quanto à crítica também dirigida ao Carlinhos Pierobon, meu querido, concordo com você, pois nem todos são privilegiados ou estão preparados para entender o que ele diz. Garanto apenas uma coisa: imaginação e cultura não faltam ao Pierobon. A tendência dos homens é criticar e condenar tudo aquilo que são incapazes de realizar...

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Bela Vista - Nova, fase de acabamento, 3 dormitórios, abrigo, copa-cozinha, tres banheiros, quintal. **Oferta Vilar.**

Parque do Colégio - Mansão nova, com abrigo para 2 carros, living com armário e mais um banheiro, copa-cozinha, área de serviço, dependência para empregada, aquecedor central, etc. Pode ser financiada. **Oferta Vilar.**

Rangel Pestana - Térrea, sala em "L", lavabo, jardim de inverno, 3 dormitórios com armários, 2 banheiros sociais, garagem lavanderia, dependência de empregada. Cr\$ 1.300.000,00. **Oferta Central de Imóveis.**

Anhangabau - Térrea, dois dormitórios, abrigo, copa-cozinha, quintal. **Oferta Vilar**

Anhangabaú - Fina residência, sala, 3 dormitórios com armários, uma suite, garagem, copa-cozinha, banheiro, salão de festas, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00. **Oferta Central de Imóveis.**

J. Messina - Fina residência, sala L, 3 dormitórios com armários, uma suite, garagem, copa-cozinha, ba-

nheiro, dependência para empregada, fino acabamento. **Oferta: Ribeiro**

Vila Arens - Térrea, 3 dormitórios, sala de jantar, living, copa-cozinha, 3 banheiros, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00. **Oferta: Ribeiro**

Parque do Colégio - Jardim frontal, sala, 3 dormitórios com suite e closet, lavabo, copa-cozinha, banheiro social, lavanderia, dependência para empregada, garagem para seis carros. Cr\$ 800.000,00. **Oferta Central de Imóveis**

Rua Pirapora - Casa térrea, cozinha e banheiro. Ótima localização. Preço: Cr\$..... 250.000,00 à vista. Ver e tratar à rua Pirapora, 214, (ao lado do Anchieta) na parte da manhã.

SÍTIOS E CHÁCARAS

Medeiros - chácara maravilhosa, com 44.000 m2, totalmente plana, 2 casas sede novas, casa boa para caseiro, salão de festas, pomar, a 500 metros do asfalto. **Ocasão. Oferta: Ribeiro.**

Caxambú - Linda chácara, com 1 alqueire formada, casa

sede nova, casa de caseiro, corrego, bosque natural, pomar, etc... **Oferta: Ribeiro**

Corrupira - excelente chácara, 1 alqueire, excelente casa nova, casa de caseiro, 10.000 m2 de gramado, 2 lagos, córrego, pomar a 200 metros do asfalto. **Oferta Ribeiro.**

Nova Era - chácara maravilhosa, 2,5 alqueires, excelente vivenda, sala ambientes, 3 amplos dormitórios, 2 banheiros, garagem, piscina com filtro, 20.000 m2 de gramado, pomar, dois lindos lagos, fino trato, casa de caseiro. Cr\$... 2.500.000,00 (1.230) **Oferta Central de Imóveis**

Malota - magnífica chácara, 5.000 m2, entrada majestosa, vivenda estilo "clássico", três dormitórios, 1 suite vestibulo duas amplas salas, lareira, cozinha moderna e funcional, banheiro, tudo com armários embutidos, carpete, dependência para empregada. Cr\$... 1.800.000,00 (977). **Oferta Central de Imóveis.**

ÁREAS E TERRENOS

Rio Acima - Duas com áreas de 40.000 e 84.000 m2. A primeira só com

mata e água corrente, a segunda com mata, 2 corregos, casa simples, pomar e uvas. Lugar recreativo e pitoresco. Distância de Jun-

diáí 4 km. **Ocasão. Oferta Ribeiro.**

Área - Bem localizada, 168 m2. **Oferta Vilar.**

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI



VILLAR IMÓVEIS

Praça Rui Barbosa, 60
Fones 434-0111 - 434-0222



RIBEIRO IMÓVEIS

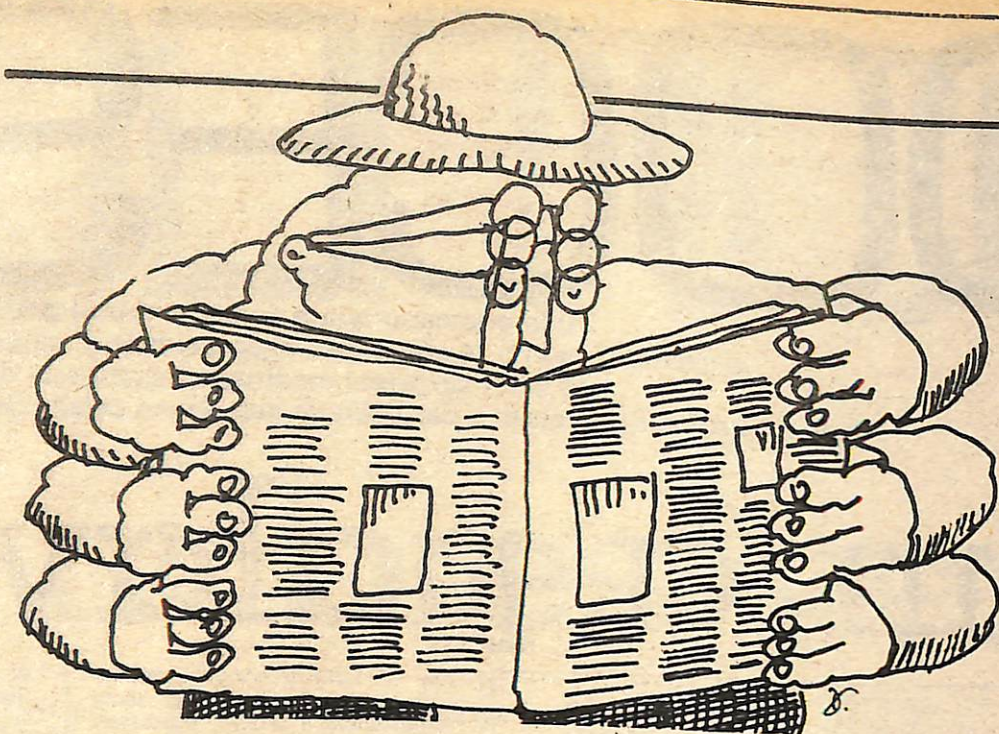
administração
e vendas

rua Mal. Deodoro da
Fonseca, 479
tel. 6-6388



CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão
de Jundiaí, 1080
Fone 434-3311



Meu amigo Ujurduí

Não sei se já apresentei a vocês meu amigo Ujurduí. Se não apresentei, faço-o agora com solene reverência: — Este é Ujurduí, o que sabe das coisas.

Ujurduí não perde um jornal nacional da rede Globo; não tira os olhos de um Factorama; lê as colunas de anúncios fúnebres, classificados protestos, press-releases da Scania Vabis, notícias sobre mecanização da agricultura nos países do Pacto Andino, notícias policiais onde as vítimas acabam em decúbitos dorsais, planos de reclassificação dos servidores públicos, remanejamento da rede rescolar, festas juninas do jardim da infância, jantares, almoços, homenagens, recepções. Ujurduí acho que sabe de tudo.

Encontro com ele na banca, filando as manchetes. Costuma, ao me ver, erguer o supercílio direito, num gesto altivamente irônico, como quem diz: lá vem aquele besta; vou ser obrigado a explicar tudo.

— Oi, digo humildemente. Tudo bem?

— Aí está você de novo, com essa sua mania idiota de simplificar as coisas. Como tudo bem? Porque há de estar tudo bem? Não viste o que aconteceu no Transkei?

— Bem, na verdade...

— Por acaso não soubeste também que em Windhoek, capital de Namíbia, as negociações estão ameaçadas de fracassar porque não incluíram o Swapo como interlocutor privilegiado?

— Ah, Swapo, sei, é que...

— Sei coisíssima alguma! Sei nada! Você não passa de um idiota. (Ujurduí é um sujeito assim, na aparência intransigente, mal criado, mas no fundo é uma boa alma. Não lhe queiram mal, como eu não lhe quero. É que ele é um tipo que não pode viver sem notícia).

— Ei Ujurduí, (reajo com fleugma, contemporizador, querendo, esticar o papo), também não é assim. Sei um monte de coisas. Agora mesmo estava discutindo com um amigo ali o problema do Corinthians...

— O Corinthians, vem você falando do Corinthians como se entendesse dessas coisas. Por acaso você acha que se o Duque, no domingo passado, tivesse formado um quadrado no meio do campo, recuando os dois pontos para dar chance à penetração de Neca pelo flanco esquerdo da defesa do Palmeiras, onde se encontrava uma brecha aberta pelo péssimo sentido de recuperação do lateral, o resultado não teria sido outro? Não teria

sido empate, meu caro. Ah, isso jamais!

—!!! (minha melhor expressão de espanto, e ao mesmo tempo, solene reconhecimento da sabedoria alheia). Com que então...(balucio apenas, sem brilho, opacamente, quase a no-caute, à beira da humilhação total)

Ujurduí, é bom que se diga, é um tipo que gosta de se prevalecer de certos fatores. Ele tem lá bem do fundo da alma, que eu reputo como intrinsecamente boa, uma vocaçãozinha para o achincalhe; ele gosta de tratar o interlocutor como uma barata, que ele esmaga não com os pés, mas com pilhas e mais pilhas de notícias, informações.

— Sabe o que estou achando, meu caro? (Aí está ele, voltando à carga. O maldito supercílio em arco é prenúncio de mais um ataque arrasador). Estou achando que esta tal de gasolina única que eles estão querendo fazer aí vai aumentar muito o consumo de chumbo tetro-etila, e isso só vai servir para aumentar a poluição.

(Santo Deus, valei-me. Que diabo é isso de chumbo tetro-etila? Mas tenho que responder, rápido, sem vacilações).

— É? É, pois é...(concordo, não foi uma resposta muito perspicaz).

— Não sei porque eu perco meu tempo aqui tentando conversar com você sobre coisas sérias.

— Por falar em coisas sérias, Ujurduí, em quem você vai votar?

— Votar? (Ujurduí tem espasmos. É sempre assim. Esqueci de contar que ele tem um ponto fraco. Ele nunca toma posições. Sempre as compra. Acho que descobri uma brecha na sua fortaleza informativa. Vou espicaçá-lo).

— Isso mesmo, meu caro Ujurduí (agora eu tomo a ofensiva) Votar! Em quem você vai votar?

Outro espasmo. Vira a cara. Sussura algo assim como "vá pro diabo", ou alguma coisa menos elegante. Vai prá banca, compra uma pilha de matutinos, vespertinos, semanários, revistas de informações. Sai carregando seu imenso pacote. Vai embora sem se despedir. Mal educado, mas no fundo uma boa alma.

No dia seguinte encontro com ele no mesmo lugar.

— E então, Ujurduí? Decidiu?

Um sorriso de satisfação:

— Já. Jimmy Carter. Vai dar na cabeça.

Sandro Vaia

PLANTÃO

A Lei n.º 6.368, de outubro de 1976, obviamente mais conhecida como nova lei antitóxica, deve começar a vigorar dentro de poucos dias. Oficialmente, ninguém se manifestou, ainda, sobre a nova lei. Por isso, fui ter uma conversa — longa — com o promotor Carlos Eduardo Brisolla, da 9a. Vara Criminal de São Paulo, e membro da Sociedade Internacional de Criminologia. Esse promotor foi o primeiro a questionar a nova lei brasileira dos entorpecentes.

Carlos Brisolla observa que o vício é uma soma de alterações físicas, a par da dependência psíquica, que não podem nem devem admitir graus. Ou a pessoa é dependente ou não é. Aquele que sofre o crivo do exame de personalidade — psicológico, psiquiátrico, clínico — e nada se afirma de positivo, não pode ser considerado viciado. Da mesma maneira, colhendo-se a urina e efetuando-se exame de natureza clínica se poderá verificar se o agente ingeriu barbitúricos, sedativos, hipnóticos e anti-convulsinantes tanto quando heroína, cocaína e LSD. Apenas e tão somente o diagnóstico da maconha é que apresenta inúmeras dificuldades, pois os fenômenos sensoriais surgem uma ou duas horas após a ingestão da droga, ou quase imediatamente.

Três a seis horas depois da ingestão da marijuana sobrevém fome, fadiga, sensação de "pacificação", que de regra leva o indivíduo a dormir de uma a seis para acordar (ou não) na "fossa". Os fenômenos clínicos podem durar ainda algumas horas, sendo Sami Ali — "Le Haschich em Egypte".

Os depressores — sedativos e hipnóticos — apresentam casos de intoxicação aguda e crônica. Para o primeiro, os sintomas precoces são sonolência, confusão mental e instabilidade; estes são seguidos rapidamente por coma com respiração lenta e superficial, músculos flácidos, hipotensão, cianose, hipotermia ou hipertermia e reflexos ausentes. Na intoxicação crônica há erupção cutânea, confusão mental, ataxia, tontura, sonolência, ressaca, labilidade emocional ou depressão, irritação, aparência pessoal negligenciada e outros distúrbios de comportamento — segundo o "Manual de Envenenamentos", de Robert H. Dreibasch.

Opinião do promotor da 9a. Vara Criminal paulista: ora, se dessa maneira se pode e se consegue diagnosticar o vício, porque não absolver o viciado e determinar o seu internamento obrigatório?

— Parece-me mais lógico, diz Carlos Eduardo Brisolla, que declará-lo isento de pena, pois nesse caso deverá sempre a ação ser julgada procedente, aplicando-se em seguida um típico perdão judicial. Proporíamos nova redação e única para a responsabilidade do agente:

"quando o juiz absolver agente que, em razão da dependência ou sob o efeito de substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica, devidamente comprovadas através de exame de personalidade, seja viciado, determinará o seu internamento até sua recuperação".

Brisolla chega a considerar a nova lei utópica, quando se presume — no caso do tratamento do dependente — que haja assistência hospitalar bem organizada e leitos hospitalares em número suficiente para tratamento de alcoólatras e drogados.

— Não é o caso, diz o promotor. Nem leitos, nem assistência hospitalar existem. As improvisações dos juizes criminais e das Execuções Criminais, com aquela extraordinária imaginação de que o brasileiro é senhor, irá suprir todas as deficiências da infra-estrutura existente.

O promotor defende a feitura de uma lei sempre de maneira multidisciplinar — ou seja, os juristas cuidando da tipicidade, antijuridicidade e culpabilidade, penologia e tudo o mais que lhes corresponde; os médicos clínicos e psiquiatras nos exames que lhes são atinentes: "o que não é possível é pretender-se atrelar-se à sistemática de um Código obsoleto e superado, um diagnóstico médico".

A essa altura em que as filigranas jurídicas são observadas, com relação à nova lei, é oportuno lembrar a opinião do médico Dale C. Cameron, da Organização Mundial de Saúde:

— Graças aos meios modernos de tratamento e a sua melhora, da readaptação e das ações preventivas, deveria ser possível diminuir a procura das diferentes drogas, simultaneamente à aplicação de uma legislação que possibilitasse reduzir ainda mais a oferta.

A própria OMS observa, ainda que, "a avaliação de dependências físicas por testes feitos com o homem e o animal está ainda em seu início, e todas as apreciações definitivas sobre as vantagens dos métodos e as possibilidades de previsão que oferecem serão ainda prematuras".

II

Sem dúvidas, são questões para serem devidamente analisadas. Esse, aliás, foi meu objetivo com o "Plantão" da semana passada. Quando perguntei "e você", eu queria exatamente estimular os debates. A questão dos drogados, sei muito bem, provocou mais discussões. Tive o prazer de conversar informalmente sobre o assunto por mais de meia hora com o amigo e companheiro de trabalho Alex Branco.

É assim, do debate, que nasce (ou pode nascer) a luz.

Percival de Souza

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

disque: 436-8648

OS DOCE

Tudo começou quase como uma brincadeira: ouvir a garotada, como se ela fosse dirigir a cidade. E veio a grande (e feliz) surpresa: meninas e meninos de diferentes camadas sociais começam a dar lição de como uma cidade deveria ser

Sua Excelência, o Prefeito.



Devanei da Silva - 14 anos, engraxate: "em primeiro lugar, eu tirarei todo o asfalto que o atual prefeito colocou e passava um outro em cima da terra, ocupando os macacos em outras ruas não calçadas, nos lugares mais afastados. Asfaltarei as ruas principais onde passam os ônibus também, porque eu considero muito importante o asfalto nesses locais. Quanto às avenidas, se fizer, serão poucas, porque o Ibis já fez todas. Nessa parte só emendarei a Avenida dos Imigrantes até o Caxambú. Eu abrirei mais escolas nas vilas mais afastadas e nelas mais "caixas", que manterão as crianças que não têm dinheiro para pagar seus estudos e que também não po-

dem trabalhar. Construirei mais hospitais, postos de atendimento e farmácias nos bairros mais distantes do centro. Para as crianças abandonadas e para as mães que precisam trabalhar e não têm onde deixar seus filhos pequenos, serão feitos mais orfanatos, além de um recolhimento para pessoas que pedem esmolas. Coisa que eu acho muito feia é cidade suja, e para isso eu mandarei colocar latões de lixo, maiores que aqueles que já existem. Limparei os lotes (terrenos baldios) porque neles acumulam muita sujeira e outro lugar onde tem muito lixo também é porta de fábrica. Eu cuidarei dessa parte, procurando com tudo isso progredir a cidade."

O VICE

Peter Alexander Schulz, 14 anos, 1.º aluno da 8.ª série do Geva: "através da leitura, eu tenho visto muita asneira pelo mundo. Quase sempre a causa são as divergências entre as pessoas. O ideal, quase impossível será uma união, uma cooperação, mesmo em nível de município, pois já servirá como modelo. Eu tentarei fazer com que todos os vereadores e prefeito se entrossem melhor. Alguns podem ter idéias e opiniões positivas, mas os outros discordam e muita coisa útil deixa de ser feita. O meu trabalho será feito com base em pesquisas de especialistas, que irão nos bairros, falar com as pessoas. A partir daí, será decidido o que é mais



urgente, será feito um orçamento e seguindo essa linha de pensamento, se chegará a uma administração mais racional. Jundiá é uma cidade industrial, tende a um rápido crescimento, de onde surgem vários problemas, principalmente de infra-estrutura. É preciso mais fiscalização e cuidados, para que a cidade não sofra depois, com as dívidas."

Com a palavra

"Quero fazer muito pelo esporte em Jundiá".



Edson Luis Mina, 12 anos, jogador de basquete: "quero fazer muito pelo esporte em Jundiá, mais clubes e com isso surgirão mais quadras para jogos e piscinas. Não acho Jundiá muito deficiente em matéria de esporte, farei com que cresça o interesse das pessoas, fato muito importante. Na parte de educação, fundarei mais escolas, base de tudo para a formação das pessoas. Não acho que Jundiá precise de muitas coisas. Seria difícil abordar o problema de uma forma mais global porque não tenho ainda um conhecimento muito grande a respeito da política. Em todos os casos acho muito importante me interessar para o desenvolvimento do esporte jundiáense."

"Problemas de esgoto, ou tá tudo estourado ou nem tem."



Claudinei Benedito de Paula, 14 anos, empacotador do Super Mercado Russi: "eu sei que um vereador dá idéia pro prefeito. Eu tentarei por mais escolas, pois eu sei que tem gente que quer estudar e tá tudo lotado, ficam sem estudo, sem profissão. Precisa calçar e arrumar as ruas das vilas e por água encanada. A cidade tem problemas de esgoto, ou tá tudo estourado ou nem tem. Precisa ser feita uma campanha de limpeza, todos ajudando e caminhões passando, quando as pessoas estiverem dormindo. Eu usarei a frase: "Não jogue lixo no chão que prejudica você mesmo". Todos os bairros devem ter igrejas, pois tem gente católica que não pratica, pois é tudo longe. Precisa ter mais posto de saúde pra gente que fica doente ou machucado e às vezes não dá tempo de socorrer."

"Eu porei esgoto, asfalto, hospitais, nos bairros menos favorecidos".



Cláudia Maria Alencar - filha de vereador - 13 anos: "eu porei esgoto, asfalto, hospitais e pronto socorro nos bairros menos favorecidos, aumentarei as linhas de ônibus, para ligar pontos extremos da cidade. Por exemplo: eu moro na Vila Arens e estudo no Anhangabaú. São necessárias linhas de ônibus que façam esse tipo de percurso. Procurarei incentivar e criar pontos turísticos na cidade, fazendo teatro, mais cinemas, lanchonetes, promovendo coisas na Festa da Uva, farei um mini-zoológico na Serra do Japi, lá perto da catarata, criarei no local um centro turístico com parque, lugar para piquenique. Tentarei criar um boulevard na cidade, mas não do jeito que foi feito há pouco tempo na cidade. Ele terá lanchonetes, bares, jardins, lojas e boutiques, mas acho que não farei no centro. Abrirei escolas municipais com maior higiene, com prédios melhores, pois existem muitos que estão caindo os pedaços. No lugar do antigo Siqueira de Moraes eu farei um museu, porque aquele prédio apesar de velho, não vai cair tão cedo."

"Farei projetos mais eficientes e terei mais responsabilidade".



Márcio Bove Miksche, 15 anos, filho de médico: "farei projetos mais eficientes e terei mais responsabilidade em aprovar as leis do que em elaborá-las. Na educação, selecionarei melhor os professores, porque existem os que tem muitas aulas diárias, o

que dá falta de vontade para lecionar. Acho errado dar tanta importância a asfalto, procurarei problemas mais sérios nos bairros menos privilegiados. Darei um jeito no problema de telefones de Jundiá, apesar de todos os esforços da TELESF, muito se tem de fazer ainda nesse sentido. Na parte de assistência social, estão construindo um prédio unificando todas as áreas do INPS, mas ainda tem muito o que desenvolver nesse ponto".

"O INPS não tem recursos para atender casos urgentes".



Antonio Tadeu Delgado, 15 anos, coroinha: "se eu tiver planos para construir avenidas, eu farei logo no início. Não usando o método do atual prefeito que deixou para o fim do mandato, tentando impressionar a população. Pensando na recreação, eu vou colocar um local de esportes em cada bairro, dando maior incentivo. O INPS não tem recursos para atender um caso urgente. Se uma pessoa muito doente for esperar todo aquele tempo na fila, corre o risco de morrer ali mesmo. Eu farei algo para sanar essa deficiência. Faço campanha com meu tio que é candidato a vereador visitando certos bairros, pude ver a calamidade que se encontram, tentaria na medida do possível ver a todos."

"Eu acabarei com as favelas, criando núcleos residenciais".



Emil Fehr, 14 anos, filho de engenheiro: "darei apoio total ao nosso teatro, esporte e a música. Todas as indústrias de Jundiá serão obrigadas a colocar filtros em suas chaminés, porque senão daqui a pouco nossa cidade fica-

rá pior que São Paulo, distritos residenciais, verdes, e na Serra do Japi, farei o turismo. Procurarei colocar a cidade a mostrar shows. Procurarei colocar a água e esgoto, criarei um centro de atendimento do tipo do Casa, alimentos saem daqui, São Paulo e depois vem aqui. Não dá, rei com favelas, criarei residências para hospitais para atender e desempregados. Na educação eu construirei escolas estaduais de 2.º grau, pararei de asfaltar a cidade, diminuirei o imposto, muita gente que não tem o que comer. Para o meu doado, terá que ser o centro de aprendizagem, asilos uma maior ajuda. A atual administração tem boas coisas e mais tem ela nos deu a Avenida Julho para andar de

"Irei estar sempre em contato com os bairros".



Carlos Magno de Cassins, 14 anos, gíal: "primeiro eu iria pre em contacto com os bairros, porque é lá que as pessoas que precisam. É nojento ver os esgotos, pelas ruas e as pessoas do fossas. Porque na água encanada e nos bairros. E tudo gente da mesma. Eu procurarei não deixar nenhum lugar sem iluminação para as pessoas que trabalham e muito perigo no escuro. Pode cometer crimes bandidos ou a malícia. Acho que é preciso colocar ônibus, os trabalhadores cansados e ainda têm que fazer aquele sufoco. Eles precisam de mais escolas, renda deve ter mais, eles dão umas macarrões, umas sopas que só servem encher a barriga dos pobres. Ainda mais, os professores precisam se comunicar mais paciência, alguns não dão jeito e para ajudar ainda pouco. Pros velhinhos abandonados, deve haver um lugar que abriguem e deem o que eles precisam."

cheias de esperança no futuro, nossas
Cassins, Sandra Boldrini e Carole Chidiac
que pensam os cidadãos que, um dia,
esta cidade (que Deus os conserve assim).

"Minha casa é uma porcaria e a gente paga 850 por mês".



Roberto Carlos Osório, 13 anos, vigilante de carro: "eu farei um parque para as crianças brincarem lá na Vila Helena onde eu moro. Nesse parque terá balanço, gangorra, barra para ginástica e algumas cadeiras para as pessoas que forem levar seus filhos ficarem sentadas. Asfaltarei todas as ruas que eu puder e colocarei postes e luz em todas as ruas onde não tem ainda e numa rua perto da minha casa eu faria uma avenida porque dá direitinho. Eu construirei mais escolas, porque na que eu estudo só tem os quatro primeiros anos. Eu acho bom fazer casas para vender ou alugar, mas bem barato, porque a minha é uma porcaria e a gente paga 850 cruzeiros por mês".

"Tem um monte de escola que não tem merenda".



Flávio Henrique da Silva, 11 anos, escoteiro da Igreja Sto. Antônio: "eu vou asfaltar as ruas que têm buracos. Tem um monte de escola que não tem merenda, deve ter pão com doce, leite. Devem consertar as fossas que estouram e começa a aparecer ratos e um monte de coisas que fazem mal pra saúde, traz doença. Os lixeiros têm que limpar as ruas que estão cheias de lixo, mas as pessoas também tem que cooperar. Não vou deixar crescer o mato em terreno abandonado — vai que uma criança seja picada por uma cobra, ela pode ficar doente e até morrer. Os escoteiros e todas as crianças precisam de mais lugares com árvores e rios com peixes, mas que seja perto da cidade. Nas fábricas, os trabalhadores devem usar máscaras e roupas especiais para não acontecer acidente."

"Tudo o que eu vou fazer é para os bairros: esgoto, casas..."



Virgínio Norberto da Paixão, 14 anos, aluno do Senai: tem uma coisa que eu sempre penso e não entendo — porque é que as pessoas roubam? Será que eles não tem o que comer ou será só por diversão? Quando uma pessoa for presa, deve ter alguém que converse e possa saber a causa. Se for por necessidade eu tentarei ajudar. Então vão diminuir os roubos e os assassinatos. Outra coisa que deve ter em Jundiá é uma creche. Tem muita mãe que, para viver, vai trabalhar e deixa os filhos soltos na rua. Eles vão vendo os colegas fazerem coisas erradas, vão aprendendo e fica tudo marginal. As escolas precisam de mais cuidados (paredes caindo, falta de luz), têm que ter quadra de educação física, merenda mais variada e mais algumas diversões. Tudo que eu vou fazer é para os bairros: rede de esgotos e elétrica Vou construir um monte de casas, que as pessoas pagarão bem baratinho, como aluguel e no fim, serão donos."

"Minha rua parece esquecida por todos. Ela é esburacada e suja".



Márcia Cordeiro Nassif, 14 anos, primeira aluna: "Jundiaí atravessa um sério problema quanto a escolas de segundo grau. Eu tentarei superar isso. Verei também o problema de meu bairro. Minha rua parece ser esquecida por todos, ela é esburacada e suja. Essa cidade precisa ter mais cinemas e teatros, só assim conseguiremos levar um pouco mais de cultura para o povo. Não tenho conhecimento de ne-

nhuma queixa com relação ao problema dos hospitais em Jundiaí, mas daria boa verificada para saber o que está faltando realmente. Incentivarei muito os esportes, já que Jundiaí se encontra num ponto considerável, tendo em basquete, um jogador na seleção nacional."

"Darei atendimento hospitalar para os que não possuem recursos".



Ettore Angelo Baialuna, 16 anos, filho de Enio Baialuna: "tentarei dar muitos centros esportivos em Jundiá porque existem poucos e há grande interesse. Abrirei mais praças e darei uma atenção maior ao verde em Jundiá. Acho importante a construção de mais avenidas para melhor locomoção e para existirem mais saídas para as pistas. Darei atendimento hospitalar para os que não possuem recursos. Em minha rua farei grandes modificações. Prá começar, existe um poste que fica quase no meio da rua e o esgoto é uma vergonha. Quando chove não há condições para o tráfego nem dos pedestres. O que Jundiá também precisa é de mais um velório, o que tem não é suficiente".

**"Este prefeito que
está aí
encheu a cidade
de enfeites".**



Gilson Bueno dos Campos,
11 anos, filho de operário da
Vulcabrás: "pro centro eu não
farei nada, no começo, pois esse
prefeito que está aí, já encheu de
enfeites e se esqueceu do meu
bairro e de todos os outros. Eu
tentarei calçar pelo menos as
ruas por onde passam os ônibus.
As vilas devem ter uma praça
com bancos, árvores, flores, la-
guinho e música, para as crian-
ças brincarem e os grandes se

reunirem. Eu farei um lugar para dar emprego prá crianças, durante a manhã ou a tarde, elas também precisam de um dinheirinho. O grupo aqui da vila precisa ter mais classes, pois tem gente que vai estudar longe. A água do poço é suja, devia ser encanada e tratada, tem micróbios. Um telefone público, uma farmácia e um taxi também não pode faltar, no caso de alguém ficar doente ou de um roubo. Têm muitas crianças que os pais não podem comprar material e "o uniforme prá escola, isso não deve ser dado."

**"Eu farei
mais parque de
diversão
para as crianças".**



Luiz Carlos Andreocette, 13 anos, jornalista: "eu farei mais parque de diversão para crianças, porque existem poucos, e sem falar naquela da praça da Bandeira, que acabaram para construir a rodoviária. Eu asfaltarei mais algumas ruas do centro da cidade e construirei postos de saúde e hospitais nos bairros mais pobres. Acho importante também a melhoria de alguns prédios escolares e a construção de mais escolas de 1.o e 2.o grau para as crianças pobres que não podem pagar escolas particulares. Eu farei além de tudo mais casas pelo BNH. Para mim, a atual administração fez muitas e boas coisas."

"Um restaurante para os pobres comer de graça, se não eles morrem"

Joaquim Feereira, 10 anos, órfão e interno do Lar Galeão Coutinho: "eu vou fazer uma casona para as crianças. Vai ter balança, gangorra e uma piscina, porque é uma delícia nadar. Tem que ter bastante terra com horta e alface, almerão, salsinha, todo dia todos vão molhar. A cidade toda precisa ter árvore prá dar ar, prá dar muita fruta, maçã, pera. Tem que ter jardins com flores que todas as pessoas vão cuidar. Roupa, geladeira, fogão, rádio e relógio prá todo o mundo. Todo mundo tem que andar de bicicleta pelas ruas. Eu vou fazer restaurante para os pobres comer de graça, se não eles morrem de fome."

"Procurarei fazer melhoramentos como esgoto, água e escolas municipais".



Alberto Walter Mazaia, 15 anos, aluno do Ginásio Industrial: "procurarei fazer melhoramentos como esgoto, água e escolas municipais em vilas mais pobres, por exemplo a Vila Nambi, Vila Marlene, nesses lugares mais longe. Eu calçarei e arrumarei os esgotos nessas vilas, pois lá eles correm pelas ruas, em vez de abrir avenidas como o Ibis vem fazendo. Instalarei, nos mesmos locais, postos de saúde, assistência médica, mesmo que no começo não contasse com todos os recursos. Melhorarei a rede de água que vai para a Vila Alvorada, porque quando chove, dizem que sai barro das torneiras. A atual administração fez um bom sistema viário, mas se esqueceu de cuidar dos bairros."

"Existem muitas vilas que não possuem asfalto, luz e esgoto".



Luiz Carlos Caparroz, 14 anos, filho de advogado: "existem muitas vilas que não possuem asfalto, luz e esgoto. Eu tenho meus olhos voltados para isso. Na rua onde moro, existe asfalto, mas antes de ser colocado deveriam ter visto o esgoto que tem estourado frequentemente. Eu farei um centro de recreação, pode ser engraçado mas o divertimento jundiense é o Jumbo e a Eletrodiabraz. Na Câmara, jamais aprovaria a avenida Nove de Julho. Ela não liga a nada, o asfalto é péssimo e foi empregado muito dinheiro na sua realização. Vi o problema de não terem aceito a oferta menor, caso já do conhecimento de todos".



O PROTEU ATACA DE NOVO

Gostaria de comunicar-vos (caso não seja de V. conhecimento), que o proteu (=prefeito de Jundiá) patrocinou mais um papelucho que está sendo distribuído no Museu Municipal, sob o título de "Museu de Jundiá", sendo este o segundo de sua série (o primeiro foi impresso na gestão do Sr. Pedro Fávoro).

Interessantemente, pude notar que, ao invés de tal insignificante papelucho ser um elemento transmissor de fatos alusivos única e exclusivamente ao Museu, é também um veículo indireto e covarde de que se utilizou o proteu para levar a cabo mais uma de suas intrigas primárias (meios sórdidos, como este, é bem do feitio do proteu, veja-se — como exemplo — o caso das "xerox" enviadas aos deputados numa frustrada tentativa de desprestigiar o Sr. Jayro Maltoni, lembrem-se?).

Tais intrigas, se me é permitido especificar, dizem respeito a gestão Pedro Fávoro e Wamor Barbosa Martins, consecutivamente. A respeito da primeira, o inditoso prospecto acusa o Sr. Fávoro de "engavetar" os planos referentes à construção do Museu, insinuando assim, que tal triunfo se deve à sua administração...

Em segundo plano, o alcaide (=proteu, = prefeito) se dedica a "acusar" alguns crimes da gestão do Sr. Wamor B. como pode-se contemplar nas mal-escritas folhas do panfleto (tal papelucho atesta, sobremaneira, o avançado estado de analfabetismo em que se encontram seus escritores "adjuntos").

Estas insinuações, frases e textos formam uma pandilha contra os menos esclarecidos, como pode-se ver na pág. 43, onde encontra-se citações alusivas às intenções do Sr. Wamor em demolir o Solar da Barão, e na pág. 11, onde vê-se a planta d'uma capela, sendo seguida do seguinte rodapé: Capela de São Lázaro, destruída na gestão do Prefeito Wamor B. Martins. Teria o proteu a intenção de novamente denunciar crimes contra o patrimônio histórico/cultural?

Um fato curioso/ Cômico faz-me citar a pág. 108 do primeiro "Museu de Jundiá", onde vê-se uma foto da praça da Bandeira e, logo abaixo o seguinte rodapé (obs: transcrito na íntegra) — O obelisco e as figueiras da Praça da Bandeira (antigo largo Sta. Cruz). Confiamos que, quanto a estas, nenhum dendroclasta as toque!

Derrubaram outra, famosa, da ponte de Campinas. Reza tradição popular que à sombra desta ou daquelas nasceu Jundiá. As existentes, entretanto, não simulam trezentos anos. Dizem documentos oficiais que Jundiá foi fundada ao poente (da colina?) Então seria provavelmente no Largo Sta Cruz, outro nome característicos da fundação... Lembrete: Numa das últimas Plantas de Jundiá falta o nome das praças públicas.

Existem, ainda, outras "indiretas" no panegirístico papelucho, dignas de serem apreciadas. Para tanto, reservei-me o trabalho de remeter-vos um exemplar para melhores averiguações.

Deixe-se, contudo, um convite aos leitores mais curiosos: Vão, srs., ao Museu e retirem também V.S.SS, um exemplar do ridículo panfleto. Além de matérias referentes ao Museu, poderão também V.S.SS verificar o exposto. (Obs. Na primeira pag, há uma foto de (argh) alcaide, no tamanho 12x16 cm e, logo acima a irônica frase: Honra ao Mérito.. PS: Aviso aos chupetas: Segundo informações que pude obter, as vidraçarias vendem molduras no tamanho 12x16cm por Cr\$ 15,00. Grátis: o vidro RCZ

O LEITOR PENSA

Nas eleições de 15 de novembro de 1976, a se confirmarem as expectativas, sairá vitorioso o MDB, ao menos no que diz respeito aos postulantes à Câmara Municipal; quanto à Prefeitura, graças às artimanhas legais engendradas pelo Sistema, a indefinição ainda paira no ar. Porém, vamos pensar numa hipótese: prefeito Arena ou MDB — Câmara MDB.

Em vista das peripécias

econômicas feitas pelo prefeito atual, é sabido de antemão das dificuldades que a próxima administração terá para executar seu programa, por mais digno que seja. Pois bem, suponhamos ver a futura Câmara ativa, atenta às reais necessidades coletivas (coisa que não tivemos oportunidade de presenciar desde quatro anos atrás, quando começou o usufruto do dinheiro público para causas particulares, e como!), tentando coordenar as diretrizes da nossa pobre cidade. E chegamos ao X do problema: a palavra pobre, aí empregada, tem dois sentidos: econômico e humanístico; a este último, devo dizer que depósito mi-

nhas esperanças de ver mudada esta situação no caráter dos futuros edis, porém, e ao primeiro pobre? Quem poderá resolvê-lo? Como minorar o sofrimento e o abandono a que foi e é relegada a "maioria silenciosa"? Como levar-lhe água, luz e esgoto? Como dar-lhe assistência médica? Como levar-lhe asfalto (sic)? Quebrando a 9 de Julho? Pedindo mais dinheiro aos nossos bons senadores em Brasília? Aproveitando a eleição americana e pedindo ao "big brother" para olhar para cá? Pedindo dinheiro de volta aos (ir) responsáveis? São soluções impossíveis, principalmente porque, se tudo correr bem,

ano que vem a cidade livre de certas pessoas. A cômica com que a administração terá que ser, esta carta não tem menor intenção de ser manual sobre o uso do rio público, mas sim uma ta e um voto de confiança (que espero ardentemente já correspondido) aos responsáveis pelos destinos da pobre terra de Petrópolis Lico.

Pois é, Lico. A... escrevendo isso aí... você falou há um ano e... Sabe quais foram os resultados das denúncias? Nada... não ser uma conscientização dos nossos leitores habitua-

UM LEITOR COM A BOCA CHEIA DE FORMIGA

"Como assíduo leitor, há mais de dez anos, desse prestigioso órgão de imprensa jundiáense (aprecio sobretudo a seção de filatelia — uma jóia!! — e as emocionantes reportagens assinadas por David Nasser), li a carta que o senhor mandou, há alguns dias, ao sr. Elrey, e publicou num dos últimos números.

Com todo o respeito, senhor Vaia, não consigo imaginar de onde o senhor tirou coragem para publicar tal monte de loucuras nesse hebdomanário semanal. O senhor não entende nada desse país, e não deveria ficar contando para seus amigos coisas que nem o senhor sabe explicar. Em boca fechada não entra mosca, já dizia o falecido amigo meu lá da Baixada Fluminense. (Morreu há pouco tempo, o coitado. Foi encontrado numa estrada de Nova Iguaçu, com a barriga furada de bala e a boca cheia de formiga. Mosca, nenhuma)

Mas eu dizia que o senhor não entende nada desse nosso país. Por isso, aqui vão, a título de protesto, algumas explicações:

1) O Brasil é um gigante deitado em berço esplêndido, mas cabe.

2) O povo daqui é muito ordeiro, pacato, compreensivo e respeitador das suas mais caras tradições.

3) Inflação é um mecanismo que serve para deixar essas tradições mais caras ainda.

4) Aquela correria atrás de uma bola, a que o senhor se referiu, é um jogo muito popular por aqui, chamado futebol. Foi inventado em 1912 pelo brasileiro Alberto Santos Dumont, apesar de um tal Graham Bell ter espalhado por aí que o in-

ventor foi ele. Bobagem. A prova disso é que um dos nossos clubes mais famosos chama-se Santos, em homenagem ao inventor.

5) Antigamente, certos líderes do país seguiam à risca um lema popular: "Rouba, mas faz". Atualmente, com a modernização da tecnologia e a importação de know-how avançado, certos líderes municipais conseguiram simplificar e racionalizar o processo, preparando o terreno para o futuro. Eliminaram o "mas faz"

6) Não confundir know-how com wow, wow, wow, que é letra de música, inspirada no idioma tupiniquim.

7) Tupiniquim é um cara que, hoje, conhece o seu lugar.

8) Aquele programa de televisão que o senhor não entendeu é muito fácil de entender. Trata-se de um concurso em grande moda, por esses dias, em todo o país, para escolher a miss e o mister Falcão. Podem entrar homens e mulheres na disputa. Tudo são apresentados na televisão, para serem conhecidos pelos eleitores. Como alguns andam sendo desclassificados por falarem de suas qualidades, acho que vai ganhar quem falar menos.

9) Na verdade, esse concurso está meio confuso. Mas, para bom entendimento, meia palavra basta. Com palavra nenhuma, melhor ainda.

10) Foi em Diamantina, onde nasceu JK, que a princesa Leopoldina arresorveu se casá.

Do leitor e amigo

Rondo Sergino

para vereador
CARLOS KAZUO INOUE
Nº

2.218

MDB



A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados

AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR

E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM

DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 Tels. 6-4650 e 4-1489



A fé e a superstição neste nosso futebol

Desde 1969, por exigência dos supersticiosos jogadores do Internacional, todas as viagens para o interior ou para cidades próximas de outros Estados são feitas por um mesmo motorista, Joaquim Moraes, o Joca, fanático torcedor do time. O esquema — ou ritual — prevê também que Joca passe o tempo todo do jogo dentro do ônibus, ouvindo a transmissão.

Como o Internacional de Porto Alegre foi campeão em todos os anos, desde que Joca passou a viajar com a delegação, ele foi transformado no símbolo da sorte para a equipe. E essa certeza na sorte de Joca para o time foi reforçada ainda mais quando o Inter perdeu para o Caxias (sua única derrota no Campeonato Brasileiro, até agora — sem contar o jogo do último domingo): Joca, de férias, não acompanhou a delegação e o time perdeu de 2 a 1.

Um dia depois dessa derrota, um ônibus estacionou defronte ao estádio Centenário, em Caxias, exatamente às 16 horas. Silenciosamente, mas sorridentes, os jogadores do Caxias — que estavam concentrados — embarcaram e todos, por ordem do técnico Marco Eugênio, foram ao Santuário de Nossa Senhora do Caravaggio, em Farroupilha, assistir à missa em ação de graças pela vitória sobre o Inter.

Histórias como essas são comuns no futebol brasileiro, onde a superstição inspirou o famoso filósofo Nenem Pancha (morto este ano) a criar uma frase que se tornou famosa, baseada nos "trabalhos" que certos clubes costumam fazer para conseguir vitórias:

— Se macumba ganhasse jogo, o campeonato da Bahia terminava empatado.

É claro que nem todos procuram ajuda nos "despachos". O técnico Zé Duarte, do Santos, por exemplo, prefere pedir a ajuda de Nossa Senhora Aparecida, sua protetora desde os tempos em que ele treinava as equipes inferiores da Ponte Preta e mais tarde do Guarani de Campinas. Quando passou a dirigir um time de profissionais do Guarani, conta-se, ele mantinha quatro imagens de Nossa Senhora no estádio e carregava uma delas em todas as viagens.

No Santos, o esquema foi fortalecido pela fé do lateral-esquerdo Mário Valter, durante o Campeonato Brasileiro. Ele foi o encarregado de legar a imagem nos jogos fora de Santos. E o próprio Mário Valter fez o pedido ao técnico para ser o responsável pela santa e pelas orações que são feitas alguns minutos antes de cada jogo, no vestiário, quando todos, de mãos dadas, cabeça baixa, pedem que ninguém se machuque e que o time consiga boas vitórias.

CORÍNTIANS

Mas o caso mais curioso parece ser mesmo o dos Coríntians, que não ganha um título há 22 anos. Há pouco mais de três meses, foi descoberto um despacho no Parque São Jorge, com uma caveira enterrada ao lado. E, como as lendas atribuem o fracasso do time a um trabalho muito bem feito, chegou-se à conclusão de que a maldição fora eliminada.

Assim, caso o Coríntians chegue a ser campeão neste Brasileiro (e por que não?), os novos contratados — Givanildo, Neca, Luciano e João Paulo — poderão ficar em segundo plano: não estranhem se os homens que descobriram o despacho forem carregados em triunfo.

A ESPORTIVA SE INSTALA NO CAMPO

Com a inauguração das piscinas da sede de campo, a Associação Esportiva Jundiaieense iniciou uma nova etapa para seus associados.

Com o tradicional banho nas autoridades, a Associação Esportiva Jundiaieense inaugurou, no último dia 6, o conjunto aquático de seu clube de campo. Dentro de seis alqueires, no bairro do Mato Dentro, a agremiação construiu duas piscinas (uma semi-olímpica e uma infantil) além de parque e campode futebol.

“É o primeiro passo em obras para a concretização de um clube de campo, na verdadeira acepção da palavra”, disse o diretor José Roberto Basile Bonito (o contrário de feio, esclareceu à repórter seu nome raro). Já estão previstas as construções de

uma quadra de futebol de salão, quiosque e restaurante.

Agora, quem quiser ser sócio da Esportiva vai ter que aguardar. É que a venda de títulos foi suspensa pela diretoria. Antes, isso estava entregue à Administração de Clubes, mas o contrato foi cortado em agosto porque a firma estava encontrando dificuldades na venda pois o clube “não tinha o que mostrar aos compradores”, esclareceu outro diretor, Ailly Ferraz.

A Esportiva é um clube que se tornou conhecido por se dedicar quase que exclusivamente a atividades esportivas, o que estava bem de

acordo com seu nome. Mas, ultimamente, como perceberam a necessidade do desenvolvimento da parte social, como a maioria dos clubes procede — já que do contrário é difícil seu desenvolvimento — foi dado um grande impulso nesse setor.

Primeiro foi a realização de tímidas brincadeiras dançantes, depois, com a construção do ginásio de esportes, começaram os bailes. E, com a grande festa de inauguração do clube de campo, onde não faltou o chope e um procurado cachorro-quente, a Esportiva está quase completa. Isto é, faltam apenas os detalhes finais. (Lêda Cassins)



O grande festival do E. C. São Miguel

Equipes de São Paulo, Jundiaí, Louveira, Itupeva, Cabreúva e Vinhedo estão participando de um dos maiores festivais futebolísticos já realizados em nossa cidade, em comemoração ao oitavo aniversário do E.C. São Miguel, do bairro de Medeiros. Os jogos começaram dia 7 de novembro, e estão marcadas mais três rodadas, respectivamente para os dias 14, 21 e 28.

O PROGRAMA

Dia 14 — 8 horas — Alvorada F.C. e Monte Serrat; 9 horas — Metalúrgica Cica e

Fradinhos F.C., de São Paulo; 10 horas — E.C. Anhangabaú e Metalúrgica Cica; 11 horas — Anhangabaú e 25o. Cartório Milani, de São Paulo; 13 horas — E. C. São Miguel e E. C. Toneleiros, de São Paulo; 14 horas — Monte Serrat e Saudades F.C., de São Paulo; 15 horas — E. C. Baú e E. C. Toneleiros, de S.P.; 16 horas — E. C. São Miguel e Vila Buarque, de São Paulo.

Dia 21 — 8 horas — Esperança F.C. e

Alvorada F.C.; 9 horas — São João F.C. e Gurduroy, de São Paulo; 10 horas — E.C. Liberato e E.C. Anhangabaú; 11 horas — Unidos F.C. de Vinhedo, e E.C. Gurduroy, de São Paulo; 13 horas — São Miguel e Good year, de São Paulo; 14 horas — Botafogo e A.E. Itupeva; 15 horas — Fides e São José F.C.; 16 horas — São Miguel e Good-year, de São Paulo.

Dia 28 — 8 horas — E.C. Fides e E.C. Anhangabaú; 9 horas — São José e G.R. Ceasa, de São Paulo; 10 horas — Botafogo

e Veteranos do Itupeva; 11 horas — Anhangabaú e Ceasa; 13 horas — São Miguel e Good-year; 14 horas — Botafogo e Itupeva; 15 horas — Fides e São José; 16 horas — São Miguel e Good-Year, de São Paulo.

Serão entregues troféus aos vencedores; os jogos durarão 30 por 30 minutos. A comissão organizadora agradece às firmas e colaboradores que doaram os troféus para a competição, e também aos esportistas Guido Deboni e Pezão, que doaram as bolas.

Faculdades "PADRE ANCHIETA" de Jundiá
rua marçílio dias, 299
fone, 434-1763

ECONOMIA - ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS - CIÊNCIAS CONTÁBEIS - LETRAS: português / inglês (licenciatura plena)
CIÊNCIAS - DIREITO - PEDAGOGIA: administração escolar 1.º 2.º graus e magistério

INSCRIÇÕES: ABERTAS

VESTIBULAR

EXAMES: 24 A 27 DE JANEIRO/77



VARIEDADES

CHEGOU DONA FLOR. O RESTO É LIXO.

Por artes sabe-se lá de que acaso, Jundiá tem a elevada honra de participar de um lançamento cinematográfico nacional: "Dona Flor e Seus Dois Maridos", de 14 a 27 no Marabá. O filme foi definitivamente liberado pela censura na semana passada, e ela, ao contrário do que se esperava, cortou apenas uma cena do filme considerada "atentatória à moral e aos bons costumes". Embora nada seja mais atentatório à moral do que a existência de uma censura de tesoura na mão cortando as obras de arte dos outros, vamos deixar isso de lado e passar aos fatos.

Já que o livro de Jorge Amado de onde foi extraído o filme teve uma tiragem de um milhão de exemplares, vamos presumir que o caro leitor já conheça a história. Vamos passar por ela rapidamente. Dona Flor, morena sensual como todas as mulheres que Jorge Amado inventou, é casada com um certo Vadinho, um tipo debochado, trapaceiro, bastante safado, amante das noites de boemia. Acontece que ele morre, num dia de carnaval na maior farra. A viúva Flor, então, casa-se com o dr. Teodoro, um farmacêutico metódico, amante da música clássica, de hábitos sexuais bastante moderados; enfim, um verdadeiro chato. E eles vão levando sua vidinha, até que o fantasma do falecido e debochado Vadinho começa a aparecer no leito da viúva, e a tentá-la, com seus modos bastante heterodoxos de "vadiar", eufemismo que Jorge Amado usa para designar aqui

lo que você já deve estar imaginando o que é.

E eis que o coração (e o leito) de dona Flor se dividem entre a caretice do bom Teodoro e as safadezas do turbulento Vadinho. A história é essa.

Naturalmente, como acessórios, Jorge Amado despeja um bando de figuras humanas ricas, extraídas do folclore das ruas da Bahia, que compõe o chamado "pano de fundo" da história.

Há alguns indícios de que o filme realmente seja bom. Bruno Barreto, diretor, é um garotão que já mostrou que conhece o ofício no único filme que fez antes deste, "A Estrela Sobe", com Betty Faria. Um tremendo sucesso, na época. Bruno, filho do produtor Luiz Carlos Barreto, mostrou que sabe manejar muito bem história, cena e atores. E "A Estrela Sobe" tinha também uma qualidade muito rara nos filmes nacionais: um acabamento técnico perfeito, que permite ver, ouvir e entender tudo.

Outro indício sério da boa qualidade do filme: a música é de Chico Buarque de Holanda, que até agora não errou uma.

Dona Flor é Sonia Braga, uma mulher bonita, e digamos assim, bastante sensual. Deve ser uma excelente dona Flor. Disse ela numa entrevista à Última Hora que "quando poso nua, tenho pensamentos puros, primitivos, muito à maneira indígena dos indígenas". Aí é que está uma das desvantagens do estrelato. O pessoal dos jornais fica obrigando as



Sonia Braga é dona Flor

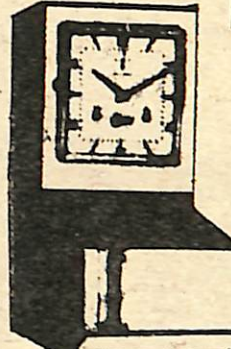
moças a dizerem idiotices como essa. Mas isso não tem importância. O que vale é Sonia Braga.

O Vadinho, no filme, é José Wilker, que não tem muita cara do Vadinho, e nem parece ter seus talentos. O farmacêutico Teodoro é Mauro Mendonça, que tem uma boa cara de farmacêutico e ainda por cima Teodoro.

Então, não perca o fil-

me. Tem tudo para ser bom.

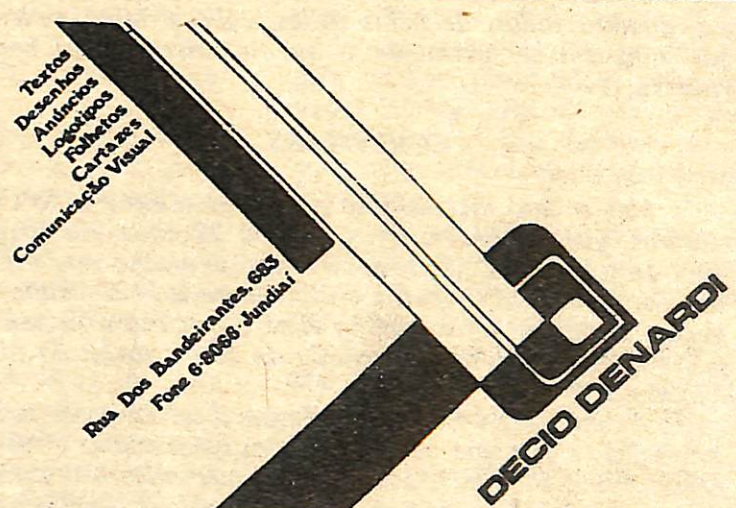
No Marabá, a semana toda é isso aí. Agora, no Ipiranga, se você faz mesmo questão de saber, temos "A Terra que o Mundo Esqueceu" dias 15 e 16; "Sete contra Um", dias 17 e 18; "Mulheres do Sexo Violento" (?) dias 19 e 20, e "Valéria, a Esquizofrênica", no dia 21. Três vezes Argh! para o cine Ipiranga e sua coleção de filmes horríveis. (S.V.)



RELOGIOS DE PONTO
ROD-BEL

REVENDEDOR AUTORIZADO
COMERCIAL PANIZZA
LTD

BARAO-427 FONE-6-8231



ASSINE O JORNAL DE 2ª

Basta preencher os dados abaixo e enviar para a Rua Senador Fonseca, 1044 - Jundiá

Nome:

Endereço:

Cidade: Estado:

☐ Anual.....Cr\$ 120,00

☐ Semestral.....Cr\$ 70,00

Anexe um cheque nominal a favor da Editora Japi Ltda.

ANTENAS E TORRES

Instalamos antenas e Amplimatic para:

- TV branco e preto.
- TV em cores.

Vendemos e colocamos, torres. Trocamos arames canos e fios.

Av. Alvares de Azevedo, 403 - Fone: 436-2832.

Irineu Romanatto F. - técnico.

Uma edição histórica sobre o nosso rádio

Lembram-se de "Piadas do Manduca", "Papel Carbone" e "Alma do Sertão", programas apresentados diariamente pela velha Rádio Nacional por Renato Murce?

Eles são lembrados num livro que Murce acaba de lançar, sobre a história do rádio brasileiro, edição considerada antológica. São recordações do animador que lançou, entre outros, Ângela Maria, Adelaide de Chiozzo, Agnaldo Rayol, José Vasconcelos, Baden Powell, Aláide Costa, Doris Monteiro e Luiz Gonzaga.

Sobre este último, Murce, hoje com quase oitenta anos, lembra-se bem do dia em que ele apareceu no programa "Papel Carbone". Queriam imitar Augusto Calheiros.

— Eu perguntei: de sanfona, meu rapaz?

Hoje, quando comenta o sucesso de certos cantores atuais, Renato Murce desabafa:

— Melhores que alguns desses eu tive em "Papel Carbone" e não deixei que cantassem.

Foi com "Papel Carbone" que ele conquistou definitivamente seu prestígio junto ao público, como ele próprio contou numa entrevista a Márcia Guimarães, de Última Hora, do Rio:

— A idéia surgiu quando fui ver um filme com William Haines. O Lauro Borges de lá. O filme simulava uma estação de rádio onde o apresentador



Murce: lembrando bons tempos (Foto UH - Rio)

havia convidado uma série de astros famosos, que não compareceram. Naquela aflição, ele resolveu que imitaria todos os convidados. Sai do filme e boleou "Papel Carbone". Tinha que dar certo. Um programa feito por gente jovem, cada um imitando as vozes mais famosas do tempo. Houve quem criticasse. Diziam que cópia não tem nenhum valor.

Ângela Maria se apresentou pela primeira vez nesse programa, cantando "Estrelita". Venceu, mas não convenceu. Depois cantou "Amapola". Venceu de novo, mas não convenceu.

— Aí eu cheguei para ela e disse: você vai cantar "Olhos Verdes". de Dalva de

Oliveira. Você canta tão bem como ela. Ângela não conhecia. Eu disse: compra o disco. E ela: não tenho dinheiro. Puxei do bolso e falei que ela fosse comprar e ouvir na vitrola. Ela disse que não tinha vitrola. Eu disse que fosse no vizinho. Ela disse que o vizinho também não tinha. Então, eu combinei com ela um ensaio lá na rádio, com o pianista hoje falecido, Ferreira Filho. Foi um sucesso, o auditório veio abaixo.

Murce não entende uma coisa: Ângela diz que começou mesmo foi no programa "A Hora do Pato".

— Acho muito mais importante e honesto dizer que iniciou carreira em "Papel Carbone".

Seu livro conta histórias de mais de vinte anos de rádio, de gente muito famosa e de uma época até hoje lembrada com muita saudade.

Três de seus programas bateram recordes de permanência no ar: "Papel Carbone", 28 anos; "Piadas do Manduca", 26; e "Alma do Sertão", 25 anos. Enquanto o livro não chega a Jundiaí quem quiser matar saudades desse tempo tem outra opção: a Rádio Nacional de Brasília está reapresentando seus velhos programas, todas as noites, a partir das 22 horas (e é sintonizada com facilidade, aqui em Jundiaí).

— Lá, estou de volta com "Alma do Sertão", nas noites de domingo.

Gabinete: chegando nos vinte mil livros.

Com os 120 livros que adquiriu no mês passado, o Gabinete de Leitura Rui Barbosa atingiu os 19.797 livros, dos quais 1.126 durante este ano. Os livros mais solicitados de outubro no Gabinete foram:

- 1— Um Estranho no Ninho (Ken Kesey) — primeiro lugar há cinco meses,
- 2— Shampoo (Robert Alley),
- 3— A Mulher Só (Harold Robbins)
- 4— Só o vento Sabe a Resposta (J.M. Simmel),
- 5— Olhai os Lírios do Campo (Érico Veríssimo),
- 6— Escrava Isaura (Bernardo Guimarães),
- 7— Sagarana (João Guimarães Rosa),
- 8— Macunaíma (Mário de Andrade),
- 9— Angústia (Graciliano Ramos),
- 10— Contos (Machado de Assis).

LANÇAMENTOS

Alguns novos livros adquiridos pelo "Gabinete", em

lançamento pelas editoras, foram:

"Meu Depoimento Sobre o Esquadrão da Morte", do promotor Hélio Pereira Bicudo. Considerado best-seller (em uma semana, toda a primeira edição — 15 mil exemplares — foi vendida), relata as atividades do famigerado grupo de policiais que executava criminosos sumariamente.

"Cinco de Novembro", de Max Franklin. Um cidadão pacato resolve explodir, o Parlamento inglês, junto com os lordes e a rainha da Inglaterra.

"O Estado Novo — (1937 -1945)", de Edgard Carone. Estudos sobre o regime implantado por Vargas durante esse período. É a finalização de obras anteriores.



Escreva um conto, mande pra nós. Você pode ser premiado.

Com o objetivo de incentivar o aparecimento de novos valores e de estimular a literatura em nossa cidade, o Jornal de 2a-Feira está criando o I Concurso de Contos de Jundiaí. Poderão concorrer todos os interessados, e os contos serão julgados por uma Comissão a ser anunciada oportunamente pelas páginas do Jornal de 2a.. O melhor conto será premiado com 3 mil cruzeiros. O segundo colocado com 1.500 cruzeiros, e o terceiro colocado receberá 500 cruzeiros. Prazo de entrega: até 15 de janeiro.

Este é o regulamento do I Concurso de Contos:

1 — o I Concurso de Contos de Jundiaí, criado pela Editora Japi, proprietária do Jornal de 2a-Feira, oferecerá 3 mil cruzeiros ao vencedor, 1.500 cruzeiros ao segundo colocado e 500 cruzeiros ao terceiro colocado, de acordo com o julgamento da Comissão a ser designada pela leitura e seleção dos textos;

2 — poderão concorrer todos os interessados, sem qualquer limite de idade, e sem qualquer outra distinção;

3 — os trabalhos enviados devem ser inéditos;

4 — os temas serão de escolha absolutamente livre dos concorrentes;

5 — todos os candidatos ao concurso deverão enviar seus trabalhos sob pseudônimo, em cinco vias, ao Jornal de 2a. Feira, rua Senador Fonseca, 1044, Jundiaí, CEP 13.200. Em envelope à parte, fechado, deverão ser colocados o nome real, o pseudônimo, o endereço, dez linhas de dados pessoais;

6 — os trabalhos deverão ser datilografados em espaço duplo numa só face do papel, com uma média aproximada de 30 linhas de 70 toques por página;

7 — os trabalhos devem ter as seguintes dimensões: mínimo de 2 páginas datilografadas, máximo de 14;

8 — os três primeiros colocados serão publicados nas páginas do Jornal de 2a.; outros trabalhos, mesmo não premiados, poderão ser publicados, a critério da direção da Editora Japi;

9 — os trabalhos deverão ser entregues até o dia 15 de janeiro de 1977;

10 — os resultados do concurso serão divulgados num prazo não superior a dois meses a partir da data do encerramento do concurso; os prêmios serão entregues em data a ser fixada, e que será publicada pelo Jornal de 2a-Feira;

11 — os casos omissos serão resolvidos pela direção da Editora Japi.

PROGRAMA

Restaurantes: no Recanto de Portugal (Av. Dr. Olavo Guimarães, 189 — Vila Arens), duas boas sugestões: "bacalhau ao forno", composto de camadas de batatas, pimentão e tomates, a 70 cruzeiros por porção; bacalhau à portuguesa, com batatas e legumes a 78 cruzeiros. Para acompanhar, a porção de arroz branco custa 10 cruzeiros e o vinho branco português ou o italiano a 90 e 150 cruzeiros a garrafa.

Grêmio: domingo, brancadeira dançante com o conjunto Aquasanta.

Banda: Baile dos Casados, dia 20, com a Orquestra de Waldemar Famula e dia 20, som do Musical Século XX na brincadeira dançante.

Caxambú: Baile da República, no sábado com a Orquestra City Swing. Ingressos a 25 (homens) e 5 (mulheres).

28 de Setembro: Dia 20, o Baile do Hawai é com o S. Calssipop e a brincadeira de domingo tem som a ba se dotape.

Ipiranga: Baile de Aniversário no sábado e brincadeira no domingo com o conjunto Biel Boys.

Música: recital de canto lírico, com Agnes Ayres, às 20h30, dia 20 deste mes. Local: Gabinete de Leitura Rui Barbosa. Entrada Franca.

AGORA É POSSÍVEL OUVIR UM LIVRO.

A Editora Mondadori, de Milão, gastou o equivalente a quase 12 milhões de cruzeiros para fazer pesquisas que lhe permitiram o lançamento de uma novidade no mercado: os primeiros áudio-livros, isto é, livros em suas versões originais gravados em fita cassete, com música, diálogos, etc. Cada livro-cassete custará cerca de Cr\$ 80,00 e os primeiros autores programados são Joyce, Proust, Kafka, Man, D'Annunzio e Pirandello.

"É preciso acreditar que a população que escolhe os prefeitos pode e deve fiscalizar a sua atuação. Sem isso, será muito difícil a consecução de um programa administrativo com ressonância política. A administração federal passará a ser a única responsável por acertos e erros municipais. Infelizmente, sempre com maior volume de erros". (Editorial do Jornal de Brasil, 3/11)

"Nosso trabalho é baseado na lei da oferta e da procura. O pessoal chega aos estádios ou espetáculos bem em cima da hora, e não quer entrar na fila nem ficar em lugar ruim, tem de pagar pelo luxo". (José Carlos Ribeiro, cambista e um dos idealizadores da projetada Associação dos Cambistas de Espectáculos Desportivos e Artísticos do Estado de São Paulo, Jornal da Tarde de 20/10)

"No caso de Jundiaí, a Prefeitura recorreu a empréstimos para a execução de seu Plano Viário Básico — o caso típico da obra que vai atravessar muitos anos e beneficiar várias gerações, devendo, portanto, ter seu custo distribuído segundo as pessoas que delas se utilizarão". (Odon Pereira, Jornal de Jundiaí de 30/9/76)

"O pessoal da Vila Nambi ficou na mesma". (E.M. Jornal de 2a.-Feira, semana de 25 a 31/10/76)

"Nós, os jundiaenses, precisamos largar mão de raciocinar em termos de províncias. Somos uma das maiores cidades brasileiras". (Leme do Prado, Jornal de Jundiaí, 17/10/76)

"Meu filho leva muito jeito. Já sabe dominar a bola, dribla fácil, chuta com os dois pés, bem e forte. Só tem sete anos, mas daqui a mais sete o Zico que se cuide". (Pelé, O Globo, 5/11)

"Há casos em que mandamos o doente para casa de ambulância e, mesmo assim, ele acaba voltando porque ninguém o quer de volta e, assim, essas pessoas, mesmo curadas, continuam aqui. Mesmo assim, não poderíamos levar todos de ambulância para casa, pois não temos gasolina para tanto". (Eduardo Neves, diretor do Hospital-Colônia Vargem Alegre, Jornal do Brasil de 6/9)

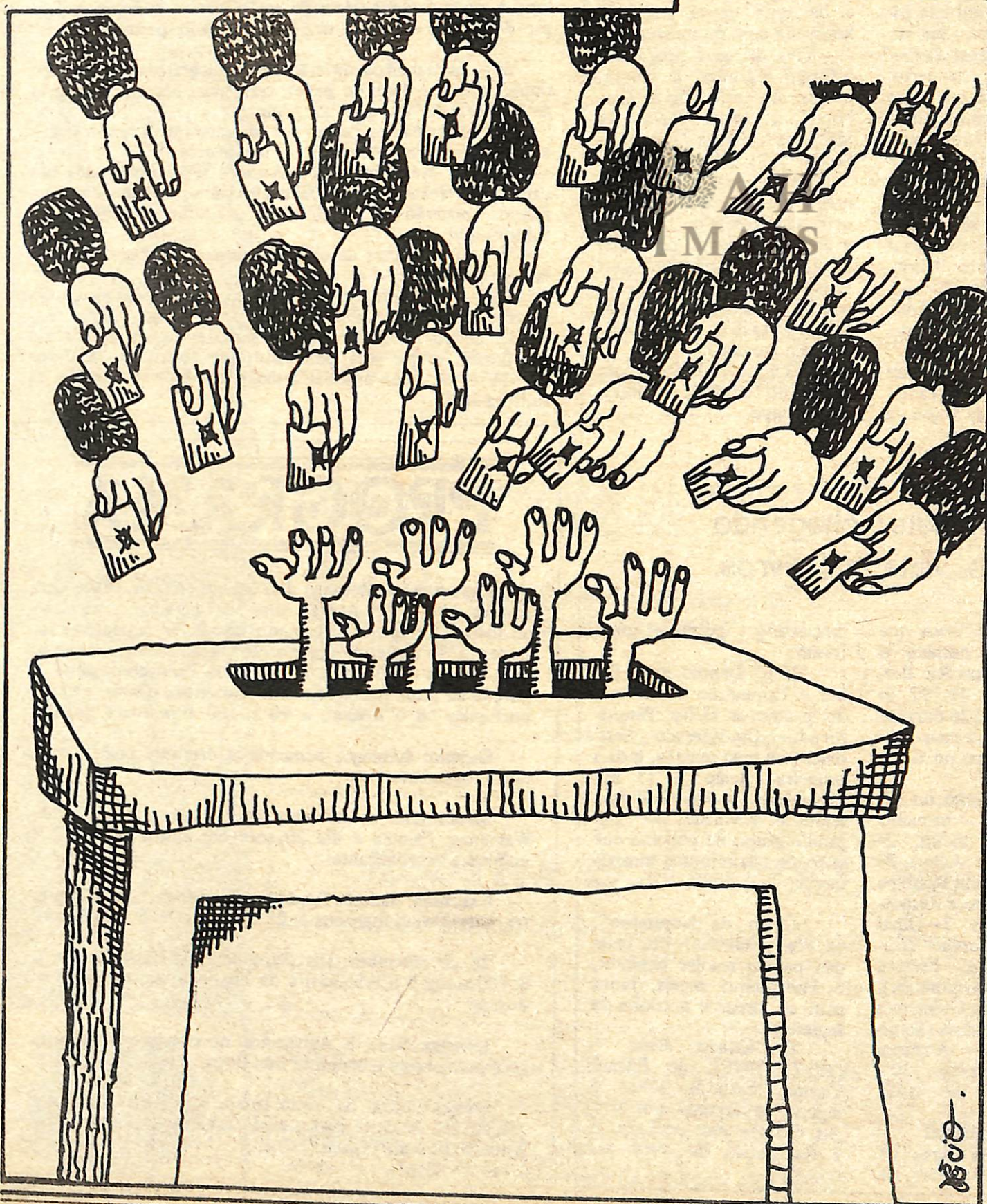
"O cárcere sempre impressiona. Não estou falando de um enfoque romântico, sentimental. O cárcere produz na mente e no físico do indivíduo modificações tão grandes que elas passam a ser perceptíveis a olho nu! Ele compromete a saúde. Ele avilta o caráter. Ele destrói a capacidade de sobreviver com dignidade. Ele modifica de tal forma o ser humano que uma pessoa sensível não consegue visitar uma prisão, e dela sair sem uma grande depressão". (Ibrahim Ab-Ackel, advogado, deputado federal, relator da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre os Presídios, Jornal da Tarde de 20/9)

"O homem planeja tudo na sua vida, até o orçamento familiar, por que não vai planejar a coisa mais importante de sua vida, que é a própria vida?" (Dom Jerônimo de Sá Cavalcanti, monge beneditino)

"Outro dia, fui assistir a um parto e fiquei horrorizada. Nossa Senhora! Era o dia-a-dia do hospital. Então eles não estavam nem aí. Ficavam falando de futebol e a criança nascendo, um farol na cabeça e uma gritaria. Aí, alguém levanta a cabeça da criança e solta um tapa nas nádegas. Senti que a criança nasceu apavorada. Meu filho vai nascer de parto Leboyer, aquele que é bem na penumbra, sem falar nada, sem comentários de futebol". (Rita Lee, cantora)

"Nem o Brasil acabará com a saúva, nem a saúva acabará com o Brasil" (Mário Autuori, primeiro vencedor do programa "8 ou 800", da Globo)

INTERVALO



PUES

Quiosque foi um senador que denunciou Catarina.

Arquipélago foi o mais rico dos armadores gregos.

Virilha é uma mulher que adota atitudes masculinas.

Fórceps foram os únicos quadrigêmeos ingleses que nasceram com uma saúde de ferro.

Cangalha é uma espécie de desinteria que dizima os cavalos.

Connan Doyle escrevia em inglês elementar.

Gambito foi um rei magrinho que morreu no xadrez.

Braislovsky é um método russo para se ensinar piano aos cegos.

Medéia teve morte trágica ao tomar café com leite.

Chinfrim é uma espécie de touro muito fraca.

Raposo Tavares não acreditava que as esmeraldas fossem verdes.

Líame é uma espécie de pantera dos Andes.

Lady Godiva montava cavalos em pelo.

Mansarda é uma creche para filhos de mães solteiras.

Guru é uma papa de arroz comida pelos monjes orientais.

Socapa é uma veste comprida usada pelos ladrões.

Cítara é uma laranja muito comum na Índia.

Erário quer dizer "tempo é dinheiro".

Angu é um prato feito de caroços.

Ramela é a parte do olho que algumas pessoas gostam.

Amarelão ataca muito os japoneses.

Zarteu



CRUZES!



Deu no Jornal do Brasil: combatentes cristãos no Líbano usam imagens de Nossa Senhora nas coronhas de suas metralhadoras M-16. Usam também terços, escapulários, medalhas e cruzes. A notícia esclarece também que os cristãos do Líbano são maronitas. Ufa ainda bem! Eu, como cristão, já estava me sentindo um mercenário copta. (S.V.)

CRUZES!!

O que é isso, minha gente??? Dia 9, 3a. feira, eu vi um carro de chapa branca, na Vila Esperança. Os responsáveis pelo veículo distribuíam propaganda eleitoral de Carlos Ungaro e seus candidatos a prefeito e vice.

Tentei segui-los, mas eles estavam tão assustados que desapareceram rapidamente. Realmente é preciso ter muita coragem para ir àquela vila, onde os impostos aumentaram assustadoramente e durante esses 4 anos de administração-Ibis, tudo o que se fez foi passar, anualmente, um trator, ignorando completamente os outros problemas daquele bairro. É lamentável ver para onde está indo uma parcela desses impostos. Airton Cassins.

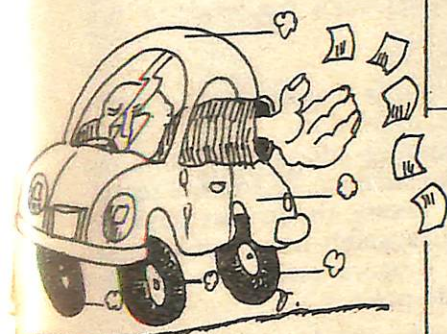


FOTO GELLI
Rua do Rosario, 334
Fone 4-2253

FOTO LUIZ
Agora em novas instalações.
Rua São José, 22

Escritório Comercial Leonel
Rua Vigário JJ Rodrigues, 162
Fone 436-1541

MEDIDA ORIGINAL

Na semana passada, a Gutierrez estava asfaltando em frente minha casa, na rua Torres Neves. Então, eu vi dois homens com uma trena fazendo medição da rua. Não é por nada, mas pelo preço que a empreiteira cobra, a medida da trena não é metro, deve ser em cruzeiros. (Alberto)



DINAMISMO E CORAGEM

Com algumas horas de chuva, poucos dias depois do Sr. Prefeito ter inaugurado a Av. Amélia Latorre, a cena era a seguinte: os bueiros eram as próprias casas das pessoas. O pessoal tentando salvar os móveis, pois a água não tinha vazão nas ruas. É a velha história: coisas sendo feitas às pressas, só pode dar nisso. José Trevisan



AVISO AOS LEITORES



O Jornal de 2a. só publica as cartas que vierem devidamente assinadas, com endereço do remetente e devidamente datadas. Caso o leitor deseje, seu nome poderá ser substituído por pseudônimo ou suas iniciais. Cartas sem a identificação correta e completa de seu autor, nós temos que ignorar.

O sr. João Carlos Rodrigues da Silva deve procurar o responsável por esta seção para tratar de assunto de seu interesse no período da tarde.

CRIME E CASTIGO



Na última 3a. feira, os alunos do Instituto de Educação (período noturno), receberam dispensa das aulas para assistir alguns slides gentilmente cedidos pelo Sr. Ibis Cruz. É desnecessário dizer do que se tratava. Só que a recepção não foi a esperada — os alunos passaram todo o tempo de projeção vaiando, chegando até a chingar, quando apareciam fotos do prefeito. (L.C.C.)

434-8648



FAÇA A SUA ASSINATURA DO JORNAL DE 2a. O TELEFONE MUDOU, MAS O JORNAL CONTINUA.

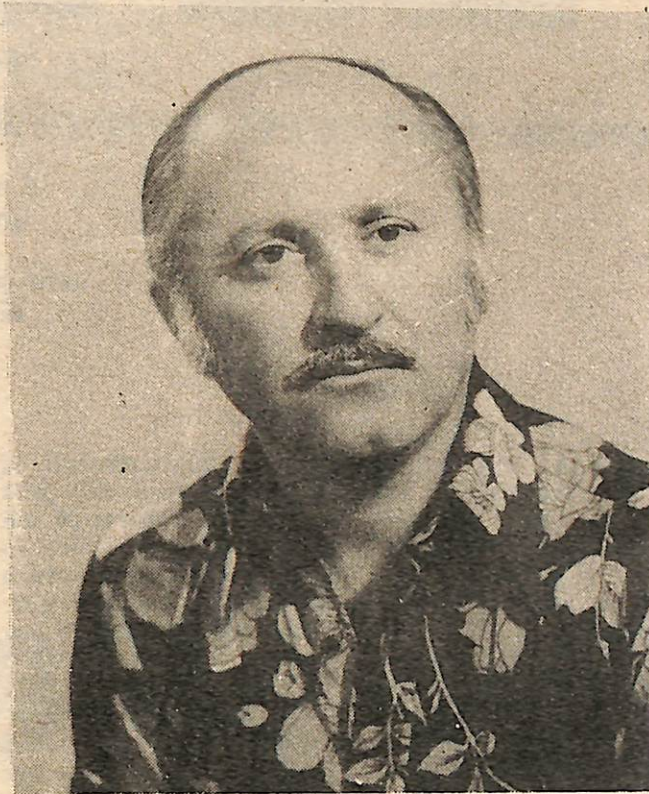
ACOGUE E CASA DE CARNES MARCIO CACEZES.
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone 6-4880

COMÉRCIO DE COURO
Rua Dr. Torres Neves, 338
Bola futebol n.º 1 — 60,00
Bola futebol n.º 2 — 74,00
Bola futebol n.º 3 — 97,00

MDB

(SUBLEGENDA No. 1)

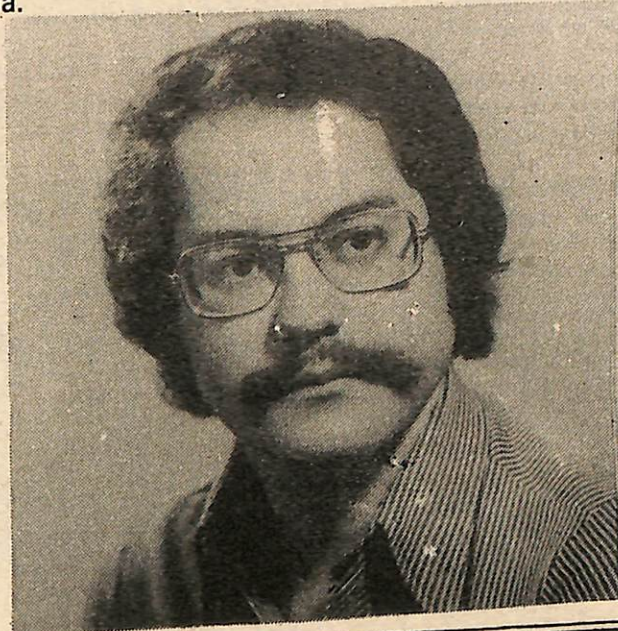
ABDORAL LINS DE ALENCAR
Candidato a Prefeito



Nordestino de Pernambuco; de família tradicionalmente política. Reside em Jundiá há 28 anos; morou em outras cidades do Estado de São Paulo, onde trabalhou na agricultura durante vários anos antes de mudar-se para Jundiá. Foi funcionário público do Estado durante 10 anos e posteriormente representante comercial para o interior de São Paulo como vendedor de máquinas operatrizes industriais. Desde 1967 é comerciante em Jundiá no setor turístico. É casado com filha de ferroviário de Jundiá e tem 3 filhas. É filiado ao M.D.B. desde sua fundação. Foi presidente do Diretório Municipal do M.D.B., durante 4 anos. É vereador e foi 2.º Vice-Presidente da Câmara Municipal durante 2 anos. Atualmente exerce o cargo de membro da Comissão de Justiça e Redação da Câmara e Líder do Partido desde 1973. Participou de vários Congressos de Municípios e de Agências de Turismo do Brasil onde defendeu teses. Tem curso colegial e cursou um ano da Faculdade de Direito Padre Anchieta.

ADEMIR PEDRO VICTOR
Candidato a Vice-Prefeito

Jundiáense, tem 25 anos — Agrimensor formado pelo Colégio Técnico de Jundiá — Ex-Assistente Técnico da Companhia Metropolitana de Água de São Paulo. Ex-Coordenador Geral do Dep. de Obras da Prefeitura de Várzea Paulista. Ex-Professor do Colégio Divino Salvador. Atualmente é professor do Colégio Técnico de Jundiá e é universitário, cursando o 5.º ano de Engenharia Civil. É Diretor Técnico da firma PROTOP — Topografia Soc. Civil Ltda.



História de uma chantagem

"Estão divulgando uma carta escrita no ano passado, querendo fazer o povo acreditar que estamos ao lado do prefeito e dos seus candidatos. É mentira. Não estamos ao lado deles".
(o irmão Paulo, da Vila Hortolândia, conta a verdadeira história de uma carta que está sendo usada na campanha eleitoral dos candidatos do prefeito)

O número 12 do Jornal de 2a-Feira (de 22 a 28 de setembro de 1975) publicou uma reportagem sobre a comunidade da paróquia Nossa Senhora de Fátima, na Vila Hortolândia.

Nessa reportagem, foram ouvidos o vigário Júlio Masson e o irmão Paul-André, responsáveis pelos trabalhos comunitários da paróquia.

Segundo os religiosos, "no meio de tantos acertos (da reportagem) foram cometidas algumas incorreções", que porém não alteram o sentido básico da reportagem.

Em alguns trechos da reportagem, eram feitas críticas à Prefeitura, que na época havia dado uma subvenção de 45 mil cruzeiros para instalação e funcionamento da creche mantida pela comunidade paroquial.

Ao procurarem o prefeito Ibis Cruz para pedir uma resposta do pedido de

verba para funcionamento da creche, que havia sido feita em agosto, receberam a notícia de que essa verba só seria liberada, se escrevessem uma carta contestando a reportagem publicada pelo Jornal de 2a. Feira.

A carta, assinada pelo irmão Paul-André Labrosse, responsável pelo setor social do Centro Comunitário de Vila Hortolândia, foi entregue ao prefeito com a data de 10 de novembro de 1975.

Agora, um ano depois, várias cópias xerográficas dessa carta, estão sendo distribuídas na Vila Hortolândia, com finalidades evidentemente eleitorais, e procurando dar a impressão que os irmãos canadenses de Vila Hortolândia estão apoiando a administração Ibis Cruz.

Antes que o irmão Paul-André Labrosse explique a verdadeira história desta carta, eis a sua reprodução:

O DEPOIMENTO

Eis a verdadeira história dessa carta, no depoimento do irmão Paul-André Labrosse:

"Eu acho injusto e desonesto o que fez o prefeito Ibis Pereira Mauro da Cruz. Uma semana antes das eleições, soltando no bairro uma carta escrita por mim há um ano atrás, carta essa, que a meu ver, não tem nada a ver com essa campanha eleitoral.

"Esta carta, com o papel timbrado do centro comunitário e assinada por mim, como representante oficial desse mesmo, deixa pensar que a comunidade paroquial de Vila Hortolândia, e minha pessoa em particular, está do lado e está apoiando a administração deste prefeito como também seus candidatos nesta eleição. Por este motivo, depois de muita reflexão e de muitas consultas, resolvi esclarecer a verdadeira história desta carta.

"Logo depois que foi publicada a reportagem sobre a comunidade, no Jornal de 2a., reportagem essa que realmente contém algumas incorreções, como assinalamos na época, ouvimos notícias de que o prefeito estava muito insatisfeito conosco.

"Naquela época, havíamos montado uma creche para 45 crianças, e dependíamos, para seu funcionamento, de uma verba de 90 mil cruzeiros, que havia sido pedida, em agosto e para a qual a Prefeitura não havia dado resposta.

"Em novembro, cansados de esperar, resolvemos ir até o gabinete do prefeito, para cobrar a liberação da verba e convidá-lo para a inauguração da creche.

"Chegamos ao gabinete, e ao contrário do que aconteceu nas vezes anteriores, ele demorou bastante para nos atender. Inclusive muitas pessoas que chegaram depois de nós, passaram na nossa frente.

"Quando finalmente o prefeito nos recebeu, entramos em seu gabinete e nos sentamos em volta da mesa; ele ficou à cabeceira, calado, sem dizer uma palavra, e com a cara muito amarrada;

"Depois de alguns momentos de mal-estar ele resolveu falar. Disse que estava muito zangado conosco, por causa da reportagem do Jornal de 2a., e que muita gente o estava criticando por destinar uma verba a uma creche mantida por padres que havia criticado sua administração.

"Ele disse que só liberaria a verba com uma condição: a de que eu escrevesse uma carta desmentindo a reportagem do Jornal de 2a. e falando bem de suas obras no bairro".

"Vocês podem imaginar a minha situação diante disso. A creche praticamente pronta, as crianças fichadas, tudo pronto para funcionar, e tudo dependendo de mim.

"Como a maior parte das declarações do Jornal de 2a. publicou foram feitas por mim, me senti responsável por tudo. Estava praticamente manietado. Dependia de mim, exclusivamente, o funcionamento ou não dessa creche.

"Então escrevi e assinei esta carta, da qual hoje, depois de muito refletir, me penitencio. Em primeiro lugar, ela só foi escrita por pressão; ou a escreveria, ou a creche não poderia

funcionar, por falta de dinheiro. Em segundo lugar, não era para ser usada para fins eleitorais, como está sendo usada agora no bairro.

"A nossa atuação, no bairro, sempre foi a favor e ao lado do povo. Embora de maneira imperfeita, nós sempre tentamos, a exemplo de Cristo, dar um testemunho de coerência entre as nossas palavras e os nossos atos.

"Nessa campanha eleitoral, o Centro Comunitário Nossa Senhora de Fátima de Vila Hortolândia, conscientemente e de propósito, se omitiu de se engajar nessa campanha a favor ou contra qualquer partido.

"Através do jornalzinho "O Mensageiro da Comunidade", nós publicamos, nestes últimos meses, documentos oficiais da Igreja sobre o cristão e a política, e preparamos também temas de reuniões sobre o assunto a fim de dar aos cristãos da comunidade pistas de reflexões sobre a importância do voto consciente. E isto na linha do último documento dos Bispos do Brasil, que fala entre outras coisas o seguinte: "a Igreja tem o direito e o dever de tratar de tudo o que diz respeito à vida dos homens, porque é caminhando na Terra que nos dirigimos para o céu. Nenhuma atividade humana é independente da lei de Deus, muito menos uma atividade tão importante como a política. E Evangelho de Jesus Cristo deve dirigir a vida do cristão em todas as suas atividades.

"E também, não se deve votar por amizade ou gratidão e muito menos por interesse, porque o voto não se vende. Quem vota num candidato, sabendo que este não é honesto, só porque espera dele um emprego e uma vantagem, é um traidor de sua pátria".

"Esta é a nossa verdadeira opinião diante das eleições, e não o que querem fazer crer os que estão espalhando cópias xerográficas desta carta, como se estivessemos apoiando o prefeito".

(.....)
Depois de fazer este depoimento, o irmão Paul-André Labrosse, desabafa:

— Agora posso dizer que estou em paz com a minha consciência. Estou me sentindo livre, como se tivesse tirado um peso das minhas costas. O Evangelho nos ensina a estar ao lado do povo, e agora estou me sentindo realmente ao lado do povo.



Irmão Paul-André: "Enfim, livre".



CENTRO COMUNITÁRIO DA VILA HORTOLÂNDIA

Fundado em 20 de Novembro de 1970, instalado no Centro de Pastoral e Iniciação de Jundiaí, sob o nº 137, na 26ª de Jundiaí, em 10.02.1970. C. O. 4.444.444/001

Rua Guataporã, 26 - Fone: 6-4923 - JUNDIAÍ - Est. São Paulo

DIA 10 DE NOVEMBRO DE 1975.

EXMO. SR. IBIS PEREIRA MAURO DA CRUZ,
PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ,
RUA BARÃO DE JUNDIAÍ, Nº 827,
NESTA.

VIMOS COM ESTA ESCLARECER A V. EXCIA., O ARTIGO QUE SAIU NO "JORNAL DA SEGUNDA", EDIÇÃO DOS DIAS 22/28 DE SETEMBRO DE 1975.

UM JORNALISMO DEMOCRÁTICO TEM SEMPRE O PERIGO DE CAIR EM DEMAGOGIA E INFELIZMENTE A REPORTAGEM SOBRE O TRABALHO DESENVOLVIDO POR NÓS NA VILA HORTOLÂNDIA É UM EXEMPLO FLAGRANTE DO TIPO DE JORNALISMO QUE PARECE INTERESSAR OS EDITORES DO "JORNAL DA SEGUNDA".

A MESMA COISA PODERIA SER DITA EM RELAÇÃO COM O QUE FOI ESCRITO SOBRE A ATUAÇÃO DA PREFEITURA MUNICIPAL NO NOSSO BAIRRO. NÓS QUEREMOS DEIXAR BEM CLARO COM V. EXCIA. QUE AS NOSSAS PALAVRAS FORAM MAL INTERPRETADAS E ATÉ DETURPADAS.

COMO V. EXCIA. SABE, AO DECORRER DESSA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL OS PEDIDOS NOSSOS SEMPRE FORAM BEM RECEBIDOS E MELHOR AINDA REALIZADOS. A ÚLTIMA PROVA DISSO É SEM DÚVIDA O APOIO FINANCEIRO E MORAL DA PREFEITURA MUNICIPAL E DE V. EXCIA. EM PARTICULAR PARA A CRECHE DE VILA HORTOLÂNDIA. SEM ESTE APOIO ESSA OBRA TÃO NECESSÁRIA NO NOSSO BAIRRO NUNCA TERIA VISTA A LUZ DO DIA.

LIMITADOS AO EXPOSTO, FIRMAMO-NOS COM A MAIS ELEVADA ESTIMA E DISTINTA CONSIDERAÇÃO.

RESPEITOSAMENTE,

Paul-André Labrosse

PAUL-ANDRÉ LABROSSE, S.V. RESPONSÁVEL
SETOR SOCIAL DO CENTRO COMUNITÁRIO DE V. HORTOLÂNDIA.